

I V O B E N D E R

A CASA POR TRÁS DAS DUNAS

Drama em um ato, dividido em duas partes

A presente peça é propriedade do Autor, que se reserva todos os direitos de representação em teatro, rádio, televisão e outros meios de comunicação. Qualquer representação deverá ser precedida da autorização, por escrito, do Autor.

SBAT
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Rio Grande do Sul
Rua dos Andradas, 1234 - Conj. 1107 - Edif. Santa Cruz - P. Alegre

NÃO É SÓCIO
Sujeito à autorização
direta do autor



IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Personagens do Drama :

Leonor, filha de Thelma.

Márcia, Bruno, Fábio, amigos de Leonor.

Orlando, a caseira.

Um vagabundo.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

UMA CASA ANTIGA DE VERANHEIO, TEM DOIS PISOS. O ANDAR SUPERIOR É APENAS SU-
GERIDO POR UMA ESCADA À DIREITA. AO FUNDO, UMA PORTA ENVIDRAÇADA QUE LEVA
AO JARDIM FRONTEIRO À CASA. À ESQUERDA, SAÍDA QUE LEVA À COZINHA E OUTRAS
DEPENDÊNCIAS. A CASA TEM SIDO POUCO USADA NOS ÚLTIMOS ANOS. NECESSITA DE
REPAROS. O PAPEL DE PAREDE DESPRENDE-SE EM ALGUNS LUGARES. UMA MESA, CADEI-
RAS, BANCOS, UMA ARCA, TALVEZ, E UM TOCA-LINÇOS COMPÕEM OS MÓVEIS. CHEVE MUX-
TO. -

MÁRCIA (SENTADA COM FÁBIO E BRUNO, COM OS QUAIS JOGA CARTAS. OS 3 NUNCA MUI-
TO)

E daí? Não vai me dizer que ele ficou assim, sem reclamar, sem
fazer nada, sem ser escândalo? (RUEM OS 3)

FÁBIO (RINDO DE TAL MODO QUE MAL CONSEGUE FALAR) -- Nada disso. Nada dis-
so. Bruno está aí, de prova, e melhor só que eu te possa contar
tudo. O sujeito não pica.

BRUNO Clamo que não. Nem pareceu ofendido. Só disse: "Que horror! Que
nódo!" e não sei mais que!

FAB. E atirou a cabeça para trás, deu uma rabinada e saiu sacotando
do. Mãe: "Tácaça, tácaça."

MÁRCIA Cruzes! Nete, eu dava um dedo pra veri-

LEONOR (DELIZADO A PORTA ENVIDRAÇADA ONDE ESTIVERAM DESDE O INÍCIO) Voc-
cês estavam bebendo demais! Não achei graça nenhuma nessa histó-
ria toda.

MÁRCIA Desculpe, Leonor. Não pensei que você...

FAB. (CORRADO) É que você estava tão absorva vendo a chuva, tão logi-
ge de tudo, que... Bem, pensamos que não estivesse ouvindo a rep-
ta. Você parecia estar num outro mundo.

LEONOR Não se incomode. Sei que a culpa é toda minha. Foi uma pessoa
idiotá yá que para cá nesta época do ano. Não sei onde estava com
a cabeça quando pedi que viessem comigo.

BRUNO (VAI PARA LEONOR E PASSA-LHE O BRAÇO PELA OMBRO) Leonor, e que
é isso? Não ficou assim perturbada. (CARENOSO) Sabe que não gos-
to. A gente veio porque quis. E depois, sabe muito bem que eu
não te deixava vir sózinha. Ainda mais agora que tenho uns dias
de folga. Fica sossegada: estamos malha... (BULIÇO/
de cidade.

MÁRCIA Você parecia de um repouso. Não podia... (BULIÇO) recuperar naquela ce-
sa. Olha, eu acho que essa que vai... você deve pagar...
nês... No meu apartamento. Ou então, ficar num bom hotel.

IMPRÓPRIO
ATE 18 ANOS



12. Divertir-se bastante.

LEONOR Sei disso. Se ao menos o tempo melhorasse. Mas até isso temos contra nós. Há três dias que estamos aqui e há três dias que chove torrencialmente. Dia e noite. Sempre.

MARCIA Daqui há dois dias vamos embora. Você tranca a casa e voltamos num outro fim de semana.

BRUNO E talvez o tempo mude. Não se sabe.

FABIO Olha, eu não tenho do que me queixar. Tenho me divertido, dormido bem e não tenho hora pra acordar. Só isso já é uma grande coisa. Uma paz imensa. E o vinho. Vinho do melhor à escaher. (LEVANTA O COPO NUM BRINDE) Saúde para todos nós! Saúde e nenhuma preocupação!

BRUNO (PARA FABIO) Quem sabe você para um pouco? (RETIRA-LHE O COPO) Você já bebeu bastante.

FABIO (POUSANDO O COPO SOBRE UM MOVEL) Vocês repararam na preocupação dele? Seja feita a vossa vontade assim na cidade como aqui.

MARCIA O que é isso Fábio...

FABIO Menina, nada como ter um amigo em todas as horas, firme ali. Obrigado, obrigado, meu anjo da guarda.

LEON. Desde que chegamos é isso: chuva e vento. Isso começa a me dar nos nervos. Não se consegue sair de dentro destas paredes. Estamos encurralados. E ainda por cima, Orianda não vem.

MARCIA Só pode ter acontecido alguma coisa. A coitada talvez esteja adoentada.

LEONOR Você diz isso porque não a conhece, nunca conviveu com ela. Ela é mais forte do que uma rocha. Desde que venho para cá, desde criança até hoje, eu nunca a vi doente. Sempre forte, dando largas caminhadas por esses areais, enfrentando chuva ou sol, sempre pronta para qualquer tipo de serviço, desde que fôsse minha mãe que lhe pedisse, que desse a ordem, nunca reclamando da. Como um homem. Um homem endurecido por uma vida difícil.

MARCIA Mas ela te falou que estava indisposta.

LEONOR Isso é uma desculpa que inventou.

BRUNO Ela não disse que viria assim que melhorasse? Foi o que você / nos contou.

MARCIA E nem precisamos dela.

LEONOR Ela não quer vir. Não sei porque, mas não quer.

MARCIA Pois que não venha. Estamos tão bem assim, os outros...

FAB. Também acho. Fica-se mais à vontade sem ninguém por perto.

LEON. Fique você sabendo que ela não é uma parenta! Minha mãe a considerava uma parenta.

MARCIA Bela parenta! Quando você precisou dela há meses atrás, ela nem apareceu.

LEON. Não mandei chamá-la. Não quis que viesse. Achei que a presença de Orianda tornasse as coisas mais difíceis.

IMPRÓPRIO
-C 10



MARCIA E agora veio aqui para vê-la.

BRUNO Para que?

LEONOR Porque preciso. Só isso. Porque preciso.

BRUNO Melhor deixar para outra vez. Vamos voltar seguidamente agora.

LEONOR Não pode ser. Vim apenas para falar com ela e não volto sem vê-la!

MARCIA Francamente, não te entendo. Quando você precisava dela, não a chamou. E agora...

LEONOR (CORTANDO) Vocês não podem entender.

BRUNO Eu e Fábio podemos dar uma chegada até a vila. Você nos explica onde ela mora. Não é, Fábio?

FAB. Claro, claro. Não tem problema. A gente vai.

LEONOR Não pode ser. Sou eu que preciso falar com ela. E precisamos / estar sòzinhas. (APANHA UMA CAPA DE CHUVA) Vou até lá.

MARCIA Leonor, com êsse tempo, acho que você não devia.

BRUNO Está bem. Vamos.

LEONOR (JÁ INDO PARA A PORTA) Fica em casa. Ninguém vai contigo.

BRUNO Você não pode ir assim, com essa chuva.

MARCIA Espera pelo menos até que a chuva amaine. É cedo ainda.

BRUNO Sòzinha você não vai.

MARCIA Bruno tem razão. Deixa êle ir contigo. O caminho deve estar alagado. E se acontece alguma coisa com o carro? Tu, sem ajuda...

LEONOR (CORTA) Não vai me acontecer nada. Fiquem tranquilos. Por que ês se mêdo?

BRUNO A que horas você está de volta?

LEONOR Como queres que eu saiba? Pois se ainda nem saí!

BRUNO Se não estiveres aqui às oito, vou atrás.

LEONOR Pode ter certeza que não vai ser preciso. Estou aqui antes de / cair a noite. (SAI. BRUNO E MARCIA FICAM À PORTA. UM CARRO É PÓS-TO EM MOVIMENTO)

MARCIA Que anda acontecendo com ela? Nunca a tinha visto assim. Ela foi bem rude com você.

FAB. Também, ela nunca foi muito alegre, não é? Não vai querer que ligo agora ela ande mostrando os dentes.

BRUNO Deve ser o cansaço. Os nervos. Ela anda muito abalada.

FABIO (CANTAROLANDO) "Coisas da vida, coisas que intrigam... Coisas do amor, coisas antigas..."

MARCIA Péra, Fábio! Não pode ficar quieto um minuto?

FABIO Mostrando as unhas, é, Marcinha? Que é que há contigo? Só porque a amiguinha rica está chateada, não precisa ficar aí toda espi-nhenta! Não te fiz nada, né? (PEGANDO-A PELO BRAÇO) Ela vem cá, vem.

MARCIA Pelo amor de Deus, Fábio! Que coisa! (DESPRENDE-SE)

FABIO Escute! Vê! Olha a que eu tenho para ti! Olha! Pega... (TOMA UMA MA GARRAFA)



- 4 -

MARCIA (INDO PARA BRUNO) Faça alguma coisa, Bruno. Ele vai terminar quebrando essas garrafas!

BRUNO Deixa disso, menino!

FABIO (PARA BRUNO) E tú também! Pega! Pega! Uma prá tí! (JOGA UMA, QUE BRUNO APANHA NO AR)

BRUNO (FORTE) Fábio, deixa de bancar o criançaola!

MARCIA (PARA FÁBIO) Se soubesse como você se embêbeda fácil, não te teria convidado. Também, nunca mais! Esta foi a última.

FABIO E quem foi que disse que estou tonto? Só alegre... e nem tanto assim.

BRUNO Está se vendo.

FABIO Alegresinho. Só isso. O que é muito bom. Vocês ficam por aí sbatumados, se chateiam por nada. O negócio é saber levar, o que é que há? Agora só porque essa velha emburrada não dá as caras por aqui, a gente tem de botar luto? Essa não! Não faltava mais nada.

MARCIA A gente não devia ter deixado ela sair.

BRUNO Talvez a chuva pare daqui há pouco.

FABIO Eh, velho! Você também? Fuxa, que mania! (TOMA UM ÚLTIMO GOLPE) Bem que vocês podiam encerrar com essa novela. Que assunto mais sem graça!

BRUNO (ARRANCANDO-LHE O COPO) Me dá isso e deixa de te fazer de engraçado!

FABIO (FAZENDO BLÁGUE) Está bem, está bem. Nada de briga, vamos parar por aqui. Sinal fechado, pé no freio. Prá mostrar a vocês como estou bem, vou para a cozinha. Em dois minutos preparo alguma coisa prá ferrar o estômago. (SAI PELA ESQUERDA).

MARCIA Temos de fazer com que ele pare de beber dessa maneira. Já está passando dos limites. Desde que chegamos não tem feito outra coisa.

BRUNO Você já o conhecia. Porque o trouxe?

MARCIA Não pensei que chegasse a êsse ponto.

BRUNO Deixe por minha conta. Dou um jeito.

MARCIA Vou esconder essas garrafas em qualquer lugar. (PROCURA UM VÃO ENTRE OS MÓVEIS) Algumas ainda estão cheias.

BRUNO Ele pode desconfiar. Será pior.

MARCIA Como se não bastasse o problema de Leonor, ainda por cima, Fábio.

BRUNO Vocês se conheciam há muito tempo, não é? Você e Leonor?

MARCIA Desde a escola primária. Era um internato, sabe? Meu pai se separara quando eu era pequena. E minha mãe quase nunca vinha a pedir a filha. Raras eram as vezes que ela vinha, nos finais de semana para buscar Leonor. Assim, ficamos muito amigáveis. Ficávamos sôzinhas naquela escola imensa. /



11

MARCIA (CONT.) Nós duas, as irmãs e mais umas outras garôtas. Mas / não pense você que eu e Leonor andávamos muito com as outras / colegas. Não. Nada disso. Sabe, coisas de adolescentes.

FABIO (ENTRANDO DA ESQUERDA) Ei, vocês têm fósforos? O meu terminou, e não pude achar nada na cozinha.

BRUNO Toma. Leva o meu. (DÁ-LHE A CAIXA)

FABIO Já te trago de volta. (SAI)

MARCIA Tínhamos muito coisa em comum. Conversávamos horas seguidas. Tínhamos segredos, como era o caso de sair do dormitório sem que a irmã notasse. Havia uma porta de serviço que dava para um / terraço; do terraço podia-se passar para um...

BRUNO (CORTANDO) E o pai de Leonor?

MARCIA Viajava muito. Negócios. Era um homem muito ocupado. Quase sempre longe da família. Quando ele chegava na escola para visitar Leonor, nós saíamos com ele. Às vezes nos levava para a casa delas. Eu ia junto. Era tão bom!

BRUNO E Thelma?

MARCIA Quase nunca estava em casa nessas ocasiões. Ou visitando amigos, ou passando uma temporada aqui nesta casa onde estamos.

FABIO (ENTRANDO) Teu fósforo ainda úmido. Foi um problema acender o fogo.

BRUNO Vê se capricha.

FABIO (SAINDO) Pode deixar que eu o que faço. (SAI) E podem ir se preparando pro banquete.

MARCIA Leonor sempre adorava o pai. Sonhava seguidamente com ele. Às vezes acordava em prantos. A irmã corria. Tentava consolá-la.

BRUNO Você deve saber de muita coisa.

MARCIA Tenho notado que Leonor não é mais a mesma. Desde que puzemos o pé nesta casa. Não sentes? (A JANELA ABRE COM O VENTO)

BRUNO Leonor anda nervosa demais. (TOM) Olha, a janela abriu com o vento. (VAI TRANCÁ-LA) O problema é que esses trincos já estão muito gastos. Pronto!

MARCIA Tenho tentado ajudá-la. Se veio para descansar, para arejar a mente, para esquecer.

BRUNO O cansaço dela é grande. Há um mês que praticamente não dormia. Queres ouvir alguma coisa? (JUNTO AO TOCA-DISCOS)

MARCIA Não. Agora não. Ontem tomei dois comprimidos. Mesmo assim, só dormi de madrugada. Um sono agitado. Falou de tempo em que o pai era vivo, das férias que passavam juntos aqui.

BRUNO Já me falou disso várias vezes.

MARCIA O pai construía esta casa grande assim, porque recebia amigos nos fins de semana. Ela gostava de pescar com ele. Ele alou de co-
mo ele nadava bem.



BRUNO Nunca aceitou a morte do pai. Pelo menos, até hoje, ela não consegue acreditar na história que lhe contaram a respeito.

MARCIA Foi num verão. Durante as férias. Estavam festejando não sei o que.

BRUNO Era o aniversário de Thelma.

MARCIA Isso, isso. Quando todos dormiam, ele saiu. Foi para a beira dos rochedos. Teve um ataque do coração e caiu. Despencou-se das rochas.

BRUNO Que idade tinha Leonor na época? Quatro, três anos?

MARCIA Seis ou sete. Ela já estava na escola primária. Interna.

BRUNO Portanto o pai era um homem jovem. Estranho, um ataque do coração.

FABIO (DA COZINHA) Márcia! Você não sabe onde guardam o sal?

MARCIA (IRRITADA) Não! Procura por aí!

BRUNO Bem, êle podia ser cardíaco. Não se sabe.

MARCIA É isso que Thelma dizia. Na verdade, ela não gostava de tocar no assunto. Só se sabe de uma coisa: que êle caiu do alto das pedras. Aquelas que se vêem quando se chega pela praia.

BRUNO Quem dali caísse, não teria a menor chance de sair com vida. O mar ali bate sobre pedras.

MARCIA É impressionante! O mar se agita naquêle lugar de maneira tão violenta! Se lança sobre as rochas do fundo, como se quizesse despedaçar tudo.

BRUNO Leonor nunca te disse porque Thelma evitava tocar no assunto?

MARCIA Essa pergunta Leonor mesma se faz.

BRUNO Deve ser porque a recordação... Imagina uma festa. Alegria, baile. Depois, de manhã, ao levantarem, dão falta do dono da casa. Saem a procurar e...

MARCIA Não seria melhor que fôssemos embora?

BRUNO De qualquer maneira, não posso ficar mais de cinco dias. Segunda, tenho de estar na cidade.

MARCIA Estou falando de ir logo, amanhã bem cedo. Quem sabe hoje mesmo?

BRUNO Com êste tempo?

MARCIA É que bem lhe pode trazer fixar aqui nesta casa perdida entre as dunas e a serra, rodeada de areia, isolada de tudo? Cada sala, cada quarto, cada parede, lhe trazem lembranças. Lembranças más. Amargas.

BRUNO Ela te falou alguma coisa?

MARCIA Não. Pelo contrário, anda mais reservada do que nunca. Mas não se nota nenhuma melhora. Nada. Ela se mostrou pelo menos um pouco alegre, por um momento que fôsse? Ela continua a dormir muito mal. Como quando Thelma estava doente. (VIRA-SE BRUSCAMENTE PARA BRUNO)



NO) É esta casa, Bruno. Parece que as próprias paredes conspi-
ram contra Leonor.

FÁBIO (ENTRA) Olhem aqui! Olhem aqui! Achei esta beleza! (MOSTRA UMA
GARRAFA DE VINHO VELHO) Safra de 1943! Do tempo da primeira guer-
ra.

BRUNO E tem mais dessas?

FÁBIO Umás seis ainda.

MARCIA Você bem que podia parar!

FÁBIO Ah, e prá tá achei êste álbum. Dá uma olhada. Está meio embolga-
rado. Como tudo aliás, nesta casa. Mas dá prá gente se divertir.
(DÁ O ÁLBUM PARA MARCIA)

MARCIA Isso é hora de ver álbum, Fábio? (COIOCA-O SOBRE O TOCA-DISCOS)
É ainda todo mofado!

FÁBIO Como tudo por aqui. Como tudo. (SAINDO) Olha, não tem mais que-
je. (SAI)

BRUNO Não faz mal.

MARCIA Acho melhor eu preparar minhas coisas. Amanhã temos de partir.
É para o bem dela.

BRUNO (SEGUE-A ATÉ A ESCADA) Não leva tão à sério as coisas. Além do
mais, foi Leonor quem teve a idéia de virmos para cá.

MARCIA Isso não muda em nada.

BRUNO Ela não pretende ficar muito tempo. Apenas o suficiente para /
ver Orianda.

MARCIA Orianda. Orianda. Sempre Orianda.

BRUNO Você a conhece?

MARCIA Tanto quanto você. Vê-a uma ou duas vezes. Nunca cheguei a fa-
lar com ela. Parecia evitar as pessoas.

BRUNO Afinal de contas, quem é essa mulher?

MARCIA Sei pouca coisa. Parece que é a caseira que toma conta de tudo
quando a casa está fechada. Houve um tempo em que ela morou na
cidade, com os pais de Leonor. Era muito amiga de Thelma. Leo-
nor sempre falou muito pouco dessa mulher.

BRUNO É ela quem vem abrir a casa, uma vez por semana, para entrar um
pouco de ar. Só sei isso.

MARCIA E porque essa preocupação toda com Orianda? Pois se a casa está
aberta, desde que chegamos. Tudo está em ordem. Os quartos lim-
pos, o jardim cuidado. É Orianda quem faz tudo isso?

BRUNO Só sei que ela quer a mulher aqui para manter a casa em ordem.
Ah, se dissesse também que a mulher vive só. Não tem ninguém.

MARCIA E por que Orianda não vem?

BRUNO E como posso saber? Se nem conheço essa Orianda! Se nunca a vi
de perto.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARCIA Temos de ir embora. É o quanto antes. Assim que Leonor chegar, vou falar. Vamos amanhã de manhã. Bem cedo. Inventamos uma desculpa, se diz qualquer coisa, posso adoecer, não sei, uma coisa assim.

BRUNO Melhor não falar. Para que precipitar as coisas? Não temo tanta pressa assim. Acho que não vale a pena.

FABIO (ENTRA EQUILIBRANDO BANDEIRA COM SANDUICHES E DOIS COPOS DE LEITE. Ela que chega e mestre-coza da casa por trás das portas. Cuidado, porém! Não vai perturbar tudo no chão! (SEM COLOCAR A BANDEIRA SOBRE A MESA)

FABIO Sirva-se e... bem proveito! Água é só beber.

BRUNO (RESERVANDO UM SANDUICHE. Vamos ver como está isso. (PROVA)

FABIO Que, não? Bom, não?

BRUNO Um, nada mais. Não vai.

FABIO (ENTRANDO-SE MUITO OFENDIDO) e que? Você tem coragem, hein? Então eu me enfiar no trabalho, posso entender naquela cozinha infernal, fazendo esse tipo de arte e você me diz essas coisas. Que não está nada bem? Tem muito gosto mesmo. (DADO PARA MARCIA QUE DESMONTA O SANDUICHE) Marcia, se um sanduiche sai, não é sanduiche e não é bom.

MARCIA Para que tem tanta paciência?

MARCIA Prove o leite. É um leite preparado. Não é água de leite em pó não é leite. É um leite que desolveu muito. (MARCIA E BRUNO TÊMUM) Você não viu o leite? Não viu?

BRUNO Não, vai dizer que você cometeu na vida?

FABIO E daí?

MARCIA Nada disso. Tem um pouco deste leite. É demais por mim.

FABIO Está bom. Mas é que se fazer a vontade, e eu se for por copo de leite, então, não. (ABRINDO UM COPO DE COFFEE) Agora, dá a gente daí. (MARCIA DESMONTA UM SANDUICHE DO COPO) Isso já é outra história. (EXIBINDO O COPO. PROVA) Ah, o leite e tudo. Até o gosto mudou.

(MOMENTOS APÓS)

CENA 2 OS MESMOS E DEPOIS LEONOR. EM ESPALDO BATE NOVE HORAS. FABIO EM UMA VISTA NEVILICA, MARCIA TEM NA MESMA POSIÇÃO DE QUE ESTAVA LEONOR NO INÍCIO. ESTO E TENTANDO VER A HORA DA PORTA SUPLICANDO.

MARCIA (QUANDO O RELÓGIO MARCA O DAR AS HORAS, VEM EM DIREÇÃO DE BRUNO) Leonor já deveria ter chegado.

BRUNO De nada adiantar ficar se preocupando com isso.

MARCIA Me explica se tem certeza de que ela se atrasa de dois. E se não, Leonor já devia ter chegado e nenhuma mexer uma palavra.

BRUNO É o que é que você quer que se faça?



FABIO (LEVANTA JOGANDO LONGE A REVISTA) Mas que menta maluca a de vocês! Não conseguem achar outro assunto?

MARCIA (INDO PARA LÁ) E você também! Bala hóspede! Fica por aí bebendo. E não age, não faz nada! Só queria saber se ainda há uma garrafa cheia na adega. Se ainda sobrou alguma uva!

FABIO O que há contigo, Marcinha! Prá cima de mim, agora, é?

MARCIA Sim, sim, para cima de você. Prá ver se você sacode esse preguiça do corpo!

BRUNO Não podem ter um pouco de calma?

MARCIA Pode ter acontecido alguma coisa com o carro. Um meu furado, máquina enguiçada, sei lá.

FABIO O carro é novo. Não tem problema.

MARCIA E você aqui, instalado, servindo uns copo atrás de copo!

FABIO E você quer que eu enfrente o temporal? Não táhe queda prá isso.

BRUNO Não adianta, Marcia. Só nos resta esperar.

MARCIA Por favor, Fábio! Vamor eu a você. Deve haver uma coisa, uma guarda-chuva, algo assim!

FABIO Com esse tempo? E a pé? Nessa chuva?

MARCIA Que mal há nisso?

BRUNO Não se consegue ver nem as árvores do jardim. Quanto mais se vai pra...

FABIO Quer fazer perdidos por aí, nessa escuridão?

MARCIA (INDO PARA BRUNO) Você tem uma lanterna, não tem? Já vi você trabalhar.

BRUNO Está com Jacquin. No carro.

MARCIA Muito providente, que você é. Se compra uma lanterna e anda aí com ela aqui! O que tem, você nunca bebe?

BRUNO Melhor estar com o que se tem. Já pede a vida.

MARCIA É verdade... Tem razão. Mas talvez de fazer alguma coisa! Não pode nos ficar parados esperando que...

BRUNO (CORTA) Fábio, está he digno o que se vê na chuva?

FABIO Se é que se encontra lá disco que precisa.

MARCIA Vocês entendeu bem o que Bruno quis dizer? Não táhe por aí, não é? É lá, vá. Já passa de hora parada e não táhe com a mão na boca, ela está lá...

FABIO (FORTE AVANÇANDO) Quer fazer o favor de parar de... a gente?

MARCIA Nervoso? Você está brava de mim. Desde quando você tem nervos? Desde quando?

FABIO (SEMERE APANHANDO) Não, não! Nervoso, entendeu? ERU...

BRUNO Parece bom, não? Podem dar o sinal!

MARCIA (PARA FABIO) O que há? Como tem coragem de falar assim comigo?

FABIO É que você tem uma expressão de se tirar do sério! Não há que...



consiga agüentar!

BRUNO Afinal o que está havendo com vocês?
MARCIA (SEMPRE RECUANDO APROXIMA-SE DO TOCA-DISCOS JUNTO AO QUAL, NO
CÃO, ESTÃO ESPALHADOS ALGUNS) Não fala assim comigo! Não fala!
Nunca ninguém levantou a voz para mim! Nem na escola!

FABIO Pois é uma pena! Uma pena, ouviu? Há muito tempo que já deviam
ter te feito... Não pisa nesses discos! (UM DISCO ESTALA. ELE SE
ABAIXA PARA JUNTAR OS PEDAÇOS, MARCIA AFASTA-SE) Arreventaste
um. Porcaria!

BRUNO Não tem importância! É tudo velho mesmo. Fábio, vê se entra al-
guma coisa aí. (BRUNO COMEÇA A EMBARALHAR AS CARTAS) Vamos jo-
gar, Marcia. Tu e eu. (PARA FÁBIO) Já achou?

FABIO Estou procurando, não é? Pelo jeito não tem nada.

MARCIA Não tenho a mínima vontade. Não vou conseguir me concentrar.

FABIO O que é que vocês q uerem ouvir?

BRUNO Qualquer uma serve. (DÁ AS CARTAS)

FABIO (EXAMINANDO OS DISCOS ENQUANTO OS OUTROS DOIS JOGAM) Ih, estamos
bem servidos. Esse pai de Leonor, ou sei lá quem, tinha um gosto
daquêles. Só tem disco clássico. E tudo em rotação 78. Mozart...
Bach... Concerto para flauta Transversal e Orquestra...

MARCIA Algo deve ter acontecido. Ela disse que voltava antes de anoie-
cer.

BRUNO Não aconteceu nada. Te concentra no jogo.

FABIO Scar... Scarlatti... Sonatinas? Ei, vocês aí! Que é uma sonatina?

BRUNO É uma sonata pequena.

MARCIA Eu deveria ter algo com ela. Seríamos duas.

BRUNO Não recomeça, por favor!

FABIO Marcia! Foi um Beethoven que você quebrou!

MARCIA A morte da mãe, os dias terríveis antes do desenlace. (FABIO A-
PANHA O ALBUM E COMEÇA A FOLHEÁ-LO)

FABIO Não deram uma olhada no álbum? Até que é bem engraçado.

MARCIA Ela não está nada bem. Nada bem. As noites sem dormir, o martí-
rio da doença de Theima, a prepotência dela... Não quero mais jo-
gar.

FABIO Olhem só. Leonor com um sob. O pai - olhem que pôse! - Vale a
pena. (MOSTRA A FOTO)

BRUNO Pôse de pai orgulhoso da filha.

MARCIA Bruno, eu acho que Leonor não se dava bem com a mãe.

FABIO Theima era bonita mesmo. Que elegância!

BRUNO (PARA MARCIA) E você ainda tem dúvida? Theima tinha uma beleza que
Leonor não podia suportar.

FABIO Aqui de novo a família toda reunida. O pai, a mãe e a filha. Já
maior então.



BRUNO Me dá êle aqui. Quero dar uma espiada.

FABIO So depois de eu ver tudo.

MARCIA Me dá um cigarro, Bruno.

FABIO Toma dos meus.

MARCIA Muitos fortes. Prefiro os d'êle.

BRUNO Toma.

MARCIA Obrigada.

BRUNO Não tenho foga. Fábio, você ficou com meus fósforos.

FABIO Deixa na cozinha. (BRUNO SAI PARA BUSCÁ-LOS, VOLTA EM SEGUI DA)
Mércia! Ô! Ô! Você não quer vê-lo?

MARCIA O que é isso? Onde morreu este papel?

FABIO Estava aqui. Perdeu-se entre as páginas do livro. Alguém esqueceu.
Escondeu o livro na adega e...

BRUNO (ENTRANDO) Que foi que você achou?

FABIO Não estão vendo que é uma carta? O papel chega a estar amarela-
do. (DESDOBRA O PAPEL) Metade dela nem dá mais prá ler. Escuten
só a data: "18 de dezembro de 1944...". Bah, já faz um bocadão de tem-
po que foi escrita. "Querida Oriana: Eu já deveria ter escrito...
há mais de uma semana te avisando...". Aqui não dá prá entender.
Está meio apagado... "Como Henrique vai viajar ainda antes do fim
do ano...". Não consigo decifrar esta parte. "Não levarei Leonor
conigo..." (CONTINUA A LER PARA SI) Escuten só isto: "...vou para
a casa das avós...". Esta se referindo a esta casa onde estamos -
"...dia 23". "Vou para a casa das avós dia 23". (PERCORRE A CAR-
TA COM OS OCHOS).

MARCIA É melhor não continuar. Me entrega essa carta!

FABIO Essa, agora? Deixa eu terminar. Foi eu que achou, ôra.

MARCIA Me dá isso?

BRUNO (PARA MARCIA) Espera. Pode ser que se encontre algo de interessan-
te.

FABIO (GENIO) "...e não deixa de tratar os peixes do tanque." Peixes?
Tanque? Vocês viram um tanque de peixes no jardim?

MARCIA Se ainda não foi possível sair com esse tempo.

FABIO Pois eu já andei por aí. E não vi nada.

BRUNO Mas pode ter havido na época.

FABIO É. Nada impede.

MARCIA Dá um fim nêsse papel. Que interesse pode ter?

FABIO Se não te interessa, não te intruete!

BRUNO Só encontraste esse?

FABIO Só esta.

BRUNO Deixa-me ver. (FABIO LÊE PARA A CÂMERA) "Da Casa Tuelins"

FABIO Dever haver outras.

(UMA DAS PARTES DA PORTA ENVIDRAÇADA ABRE-SE NESTE MOMENTO. O VENTILADOR DA
A SALA, A PORTA FICHA BATENDO).



MARCIA O melhor é pegar a chave nessa porta. Abre-se por si. (VAI E A CERRA) Onde está a chave? (NÃO A ENCONTRA E VOLTA)

FABIO Devem haver outras. Mas não no álbum. Não achei nada mais.

BRUNO Talvez no sótão...

MARCIA Deixem-me vê-la. (LÊ A CARTA E A DOBRA NOVAMENTE, COLOCA-A NO ALBUM)

FABIO Só podem estar na adega. Onde encontrei o álbum. Tem que ser lá. Vou descer.

MARCIA Não, não desce. Fica aqui.

BRUNO Vamos, Fábio. Vou contigo. Trouxe os fósforos e uma vela.

FABIO Não precisa. Há uma vela lá em baixo.

MARCIA Não desçam!

BRUNO Não temos tempo a perder.

BRUNO Não temos tempo a perder.

MARCIA Não! Leonor pode chegar e tenho a certeza de que não gostaria que vocês estivessem... (A PORTA ENVIDRAÇADA ABRE-SE E LEONOR ENTRA, FECHA A PORTA ATRÁS DE SI. BRUNO E MÂRCIA ACORREM. FÁBIO AÇENDE UM CIGARRO) Leonor! O susto que você nos deu! Pensemos que...

BRUNO Você está bem?

FABIO Se quisesse com esse frio não se preocuparia. Marcia quase teve um ataque. Quase morreu de coração. Bruno suava frio. Pingava.

MARCIA Pensemos que tivesse ocorrido um acidente, você sem ninguém com esse tempo horrível. Não voltou na hora marcada...

BRUNO Achaste a mulher?

LEONOR (TIRANDO A CAPA E OS SAPATOS ÚMIDOS) Não se preocupem comigo. Fomos. Está tudo bem. Como sempre. Fábio, me serve um conhaque, por favor. Estou com um frio! A chuva era tanta que mal conseguia ver a estrada. (SENTA. FÁBIO LHE DÁ O CONHAQUE)

MARCIA Conseguiu-se então falar com a mulher?

LEONOR Sim. Amanhã ela vai estar aqui. Conheço. (NOTANDO O ALBUM) Meu álbum! Há tanto tempo perdidos! Onde foi que o encontraram? Que foi que o achou?

... E JINNS APAGAM ...

CENA 3. NA MANGÁ SEQUINTE.

MARCIA (ENTRA DÁ TIRADA DESENTO A ESCADA) Leonor! Leonor! Onde está ela? Leonor! Leonor!

LEONOR (ENTRA PELO PORTA ENVIDRAÇADA) Sim, Marcia.

MARCIA Vamos, a manhã está fria.

LEONOR Sei, sei. Estive no jardim e... (TREMES)

MARCIA O céu está de um azul! Depois de tanta chuva, uma manhã como esta é quase um milagre! (NOTANDO O AR ABSORTO DE LEONOR) Que tem? Está se sentindo mal? Que houve?

LEONOR Nada, nada. Estou bem.

MARCIA Me pareceu que... há, Leonor? Alguma coisa sucedeu. Me diga!



- LEONOR Nada. É que levei um susto. Só isso. Um susto. Mas não passou disto. As árvores do jardim, sabe? Algumas estão mortas, secas. há muito tempo. Não sei como se sustentam de pé. Aquêlo cedro, perto do portão, eu estava por ali quando o vento fez quebrar / um dos galhos. Caiu perto de mim. Que susto!
- MARCIA (RINDO) Ainda bem que não te atingiu. Você deveria mandar cortar êsses troncos velhos. Manda chamar alguém. Os próprios rapazes podem fazer isso. Temos um machado por aqui? Ou y na serra?
- LEONOR Não sei. Creio que sim.
- MARCIA Na volta falamos ao Fábio. Ele vai adorar a idéia. Imagina só: Fábio, bancando o lenhador.
- LEONOR Sim, claro.
- MARCIA Agora vamos. Êses estão esperando por nós, na praia.
- LEONOR Com êste frio? A água deve estar gelada!
- MARCIA É só para aproveitar o sol.
- LEONOR Não vou sair. Preciso ficar em casa.
- MARCIA Aproveita o passeio. Vai te fazer bem. Já passamos três dias enjaulados. Está em tempo de sairmos de entre estas paredes.
- LEONOR Vai lá.
- MARCIA Tens alguma coisa a fazer? Posso te ajudar. Se quiseres, fico contigo.
- LEONOR Não, não podes. Não podes fazer nada.
- MARCIA Mas o que há? Orianda não chega hoje? Não ficaste de ir buscá-la?
- LEONOR Não vou apaxhar ninguém! Ela que venha a pé. Está acostumada a andar por essas areias. Não há de lhe fazer mal!
- MARCIA Pois então? Temos tempo suficiente. Não vamos demorar. Vais ver que quando voltarmos Orianda ainda nem chegou. É é que realmente te vem.
- LEONOR Deixa de agouro!
- MARCIA Agouro? Essa, agora, Leonor. Não pensei que você levasse tão à sério uns simples...
- LEONOR (COSTA) Ela vem. Precisa vir. Prometeu.
- MARCIA É porque não deixamos essa mulher em paz? Levando sua vida longe daqui.
- LEONOR Não sabes que se a deixo em paz, quem acaba sendo massacrada sou eu? Massacrada, ouvia bem?
- MARCIA Donde tiraste essa idéia?
- LEONOR Melhor esquecer o que eu disse. Me serve uma bebida, por favor. Mas bem suave. Preciso de alguma coisa para os nervos.
- MARCIA (ENQUANTO PREPARA A BEBIDA) O susto te deixou tão abalado assim?
- LEONOR Não sei... eu...
- MARCIA Porque não falas claramente? Sempre confiaste em mim. Não me contas tudo. Toma. (DÁ-LHE A BEBIDA) Mas agora andas assim. Não



me confias coisa alguma, deixas tudo pela metade. Não te entendo mais.

LEONOR (PROVA A BEBIDA) Está bom. (VOLTA A FALAR COM MARCIA) Mas não se trata de confiar ou desconfiar. É que tenho de resolver tudo sozinha. Mesmo que eu quizesse, você não poderia fazer nada. Ninguém pode. (ESTREMECENDO) Quando penso que tenho de enfrentar... Mas podes ficar descansada; nada tenho contra vocês. Tudo é comigo mesma. Dentro de mim é desta casa. Desde menina vejo coisas sucederem à minha volta. Não conseguia entender. Agora, enfim, tudo começa a se tornar muito claro.

MARCIA Estás falando de Thelma?

LEONOR E de quem mais? Sim, de minha mãe, meu pai, os amigos que sempre estavam junto deles...

MARCIA E por que andas à espera de Orianda como se nada nem ninguém mais te pudesse ajudar? Como se ela fôsse uma táboa de salvação?

LEONOR E é. Fica certa de que é. Porq ue achas que vim para cá, nesta época do ano? Neste casarão perdido?

MARCIA Querias descansar. Pensei que fôsse isso.

LEONOR E quem te disse que tenho o direito a descansar? Nunca tive um momento de repouso! Vem comigo. (LEVA MÁRCIA À PORTA ENVULDA)

MARCIA Que queres ?

LEONOR Olha.

MARCIA Sim, estou vendo.

LEONOR O que vês lá, fora?

MARCIA O jardim, as árvores verdes, outras secas, o cedro de que me falaste...

LEONOR E que mais? Procura bem!

MARCIA Também estou vendo os muros... Mas para que tudo isso?

LEONOR Continua. OLHA com atenção, vamos.

MARCIA Vejo a folhagem agitada pelo vento, o céu muito azul, ao longe o mar, os penhascos... Nada mais. Ah, sim, uma gaiota sobrevoando as dunas. É isso ?

LEONOR Não. Não é! Não adianta, não consegues ver. (AFASTA-SE)

MARCIA Que é isso, Leonor? Estás obcecada.

LEONOR Aprende depressa.

MARCIA Mostras uma vontade que não se dobra a coisa nenhuma. Nunca fôste assim.

LEONOR Tens razão.

MARCIA Desde que Thelma se foi, não és mais a mesma. Alguma coisa te obsessiona, te obriga a ser assim.

LEONOR Falas porque não sabes de nada.

MARCIA Sei que a morte de Thelma te chocou. Sofreste. Mas te esforcas para esquecer.



não! E no entanto não foi capaz de me falar, de me dizer uma palavra que fosse! Só me lançou o olhar. E sabe o que vi nos olhos dela? (CORRE PARA MARCIA, ABRAÇA-SE NELA, ESCONDE A CABEÇA NO PEITO DA AMIGA) .. Não quero lembrar, Marcia. Foi terrível. Terrível! (MARCIA A ENVOLVE)

MARCIA Cala-te! Fecha os olhos! Não diga mais nada!

LEONOR (SOUCANDO) Não posso ficar calada! Sabe que me curvou!

MARCIA Não quero e não devo! Guarda tudo para ti!

LEONOR Parece lembrar-me a culpa de sua morte!

MARCIA Por Deus! Não pense, não fale! Calada... calada... calada...

LEONOR (DESPRENDENDO-SE VICIOSAMENTE) No fundo também eu vi sua desgraça. Um ressentimento que a consumia, que a consumia, que lhe destruiu a vida por dentro!!!

MARCIA Estás imaginando tudo isso? Não quero ouvir mais nada!

LEONOR Tu vives enquanto ela morre! Ora isso! Vi desgosto, rancor e inveja nos seus olhos injetados! Só isso! Nada mais! Nem uma palavra sequer, nada, nada! Só desgosto, rancor e ressentimento! E agora cala-te! Isso! (MOSTRA A CARTA ACHADA NO ALBUM NA NOITE ANTERIOR)

MARCIA De onde tiraste esta carta?

LEONOR Sabes muito bem de onde! E não me xis que você não a leu. Que fadas é leram!

MARCIA Porque te tiráras? Queias esse papel! É uma carta apenas! Que importância pode ter?

LEONOR Mais do que você pensa! Conheço esta casa, o jardim, cada árvore me é conhecida! Nunca tivemos um tanque de peixes no jardim. O pai da noiva teve de se preocupar com isso. Nunca! É a sua carta minha mãe pede que ela não esqueça os peixes. Que vilde tem dentro!

MARCIA Não entendo! Não consigo entender!

LEONOR Por que não queres!

MARCIA Juro que não vou onde queres chegar!

ORLANDA (ABRE A PORTA DA ESCURDA INTEMPERADAMENTE, VESTE-SU EM NEGRO, TRAZ UM CABELO SÓBRE OS OMBROS, É DURA, O CABELO NEGRO REPARTE-SE AO MEIO E É ARRANJADO EM FORMA DE COQUE SÓBRE A NUCA) - Então aqui. Preenchem de alguma coisa?

LEONOR Orlanda...

(TOMES ABACAN)

CENA 4. - FÁBIO E BRUNO, DEPOIS ANOS O JARDIM NA MESMA TARDE.

FÁBIO E como digas! A gente tem de vir pra cá e não voltar. Nem aí posso ir mais, não dá pra estudar. O céu está poluído de novo. (MUDA UMA JANELA) Aqui há pouco chove e isso vai nos arrebanhar pra...
grana.

BRUNO Afinal, pra onde queres ir?

FÁBIO A icela é de Marcia. Ela conseguiu convencer Leona...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



dos sair, rodar um pouco por aí. Parece que a aldeia até que é bem interessante: tem uma igreja antiga e outros treços. Você sabe: meia dúzia de casas miseráveis, um boteço iluminado a lampião - parece que não tem luz elétrica - umas ruas mal calçadas, entendeu? É só isso. (NOTANDO O ATRASEMENTO DE BRUNO). Ei! Escute aí! Estou falando contigo há mais de meia hora e você, nada. Que há contigo?

BRUNO Como é?

FABIO Olha aí, não disse? Na mesa já notei. A gente falava e você não dava a mínima.

BRUNO Eu estava pensando que...

FABIO (CORTA) Isso é hora de pensar? Deixa de lado essa mania de quebrar a cabeça. Dá um sossego pra os miolos!

BRUNO Que horas vamos sair?

FABIO Ah, isso já é outra maneira de falar! Gostei! Assim que elas estiverem prontas. Sabe como é mulher...

BRUNO Enquanto isso vou até a praia.

FABIO Vai nada. Já está escurecendo e daqui a pouco vamos sair.

BRUNO Hoje de manhã, quando você veio spanhar Márcia, ela não disse porque Leonor não saiu conosco?

FABIO Não me falou nada. Mas eu surpreendi uma discussão entre elas.

BRUNO Conseguiu pegar alguma coisa?

FABIO Nada. Assim que entrou elas calaram a boca. Orlanda também estava. Acho que ela chegou pouco antes de mim.

BRUNO Pensa que não ouviste nada.

FABIO Quando fui me aproximando da casa, ouvi uma discussão qualquer. De repente, a discussão foi interrompida. Elas estavam aos gritos. E Orlanda estava aqui. Nesta sala. Afinal, porque é esse interrogatório todo? Tem alguma coisa errada?

BRUNO Quando fiquei sozinho na praia, avisei que existe, lembra, havia um pescador por aí.

FABIO Pescador, coisa nenhuma. Está falando de aquele vagabundo que anda por perto?

BRUNO Era um pescador, já disse...

FABIO Um vagabundo que não tem onde cair morto.

BRUNO Disse que sempre viveu por aqui, que esse lugar é um deserto maldito e não sei mais o que.

FABIO Em suma, que estava morrendo de fome. Deu deste um trocado e ele se foi. Certo?

BRUNO Não. Não foi isso.

FABIO Também era o fim. Era sujeito daqueles ter a coragem de pedir esmola. Forte, robusto. Bem vestido podia impressionar bem.

BRUNO Antes de você voltar ele me disse que...

FABIO Um vagabundo. Um andarilho. Vive percorrendo essas áreas. Por que não procura um serviço? Até mim, o tipo não regula.



BRUNO Não tive essa impressão.

FABIO Não brinca! O cara é maluco!

MARCIA (DESCENDO AS ESCADAS) Vocês não viram a espátula de Leonor por aí?

FABIO Nem sei se ela tem uma espátula.

MARCIA De abrir livros. Uma espátula prateada. Disse que deixou por aí.

BRUNO (VINDO PARA A MESA) Deve ser esta.

MARCIA (PEGANDO-A) Não é linda? Deve ser antiga. (SAINDO)

FABIO Escute aqui: vocês ainda vão honrar muito?

MARCIA É só o tempo de se pintar.

FABIO Vê se não leva a noite toda nisso.

MARCIA Não incomoda, Fábio. (SOBE)

BRUNO Pouco antes de você voltar com Mônica, quando fiquei sozinho com ela... o homem perguntou se Thelma tinha voltado a esta casa.

FABIO Não falou? O camarada é doído mesmo. Doído.

BRUNO Disse que Thelma era uma santa.

FABIO Vai ver que ela lhe deu um tapão prá cobrir o corpo e até hoje está agradecido. Não te impressiona. Gente simples é assim mesmo. -- Você não vai beber nada?

BRUNO Agora não.

FABIO Aproveita, aproveita. (VAI SERVIR-SE) Não quer mais? Não é sempre que se tem bebida rolando por aí. É de graça.

BRUNO O homem falou que quando Thelma chegava, era uma festa para todos. O povo ficava esperando sua vinda.

FABIO (RECORRENDO UM BRINDE AO RETIRAR UM VÍDEO) Mas não carinhos como não há mais hoje em dia. À professora de música? Uma longa vida eterna. É muita saúde. (BEBE) Pensa que ela não possa tomar um café. (SAINDO)

BRUNO Que brincadeira é essa, Bruno?

FABIO Olha aqui, Bruno. Acho que já está na hora de parar...

BRUNO Você ainda não ouviu nada!

FABIO Vai continuar é? Escuta aqui: não estou prá ouvir falar dessa mulher e tempo todo. Já sei que era bonita, apresentava todo o mundo. Tinha um grande coração, gastava dinheiro prá agradar a todos, tinha que rodeava esta casa, que sabia viver - e muito bem, e por aí vai. Agora, falando sério, você acha que isso adianta alguma coisa? Não resolveia algo depois de comer prá minha família de família? Não seia ingênuo. Grande caridade a coisa! Vivendo não te preocupas, mesmo, quando é conforto e vida descansada e quando, em quando, prá divertir e consolação, resolveia distribuir e outras ninharias. Vamos, qual é o valor disso tudo?

BRUNO O homem falou que Thelma está aqui. É lá nós!

FABIO Você está brincando ou perdendo o tempo?

BRUNO O homem viu Thelma no jardim. Hoje de manhã!



FABIO Ele é louco! Eu disse!

BRUNO Ele a viu primeiro de longe. Depois se aproximou. Thelma estava sob as árvores. Procurando alguma coisa entre a relva. Procurava algo que tivesse perdido. Thelma não conseguiu encontrar. Procurava. Ele a chamou. Várias vezes. Até que ela ouviu. Sorriu para ele e abandonou. Ele gritou: "Thelma! Thelma!"

FABIO Não pode ser verdade! Não pode!

BRUNO Por que o homem ia mentir? Por que?

FABIO Com aquela luz que havia pela manhã? Lentras? O primeiro dia de sol...

MARCIA (DESCENDO AS ESCADAS) Vamos uma vez!

BRUNO E Leonor?

MARCIA Não quer vir com a gente. Como sempre! Prefere ficar.

BRUNO Vou lá falar com ela.

MARCIA Não vai adiantar nada. Tentei convencê-la. Diz que está indisposta. Prefere ficar lendo.

FABIO Pois que fique. E vamos antes que a chuva desabe.

BRUNO Mais essa. Tenho de falar com ela. Seriamente. (SAINDO TODOS)

MARCIA Se ela continua assim, não sei onde vai terminar...

FABIO O caso é que não se deve dar muita importância... (FECHAM A PORTA ATRÁS DE SI)

ORLANDA (ENTRA DA ESQUERDA, VAI ATE OS VITROS DA PORTA, ESPIA PARA FORA, VOI TA, OLHA O RETRATO DE THEIMA, FICA PARADA ANTE O QUADRO),

..... E LUZES APAGAM

CENA 2. ALGUMAS HORAS APÓS A SAÍDA DE BRUNO, MARCIA E FABIO. AS LUZES ESCAM NA CENA VAZIA. LEONOR DESCE CORRENDO AS ESCADAS. TRAZ UM LIVRO NA MÃO DENTRO DELE A ESPÁTELA. VEM DE ROUBO DE GRANDES BOISOS.

LEONOR (ENQUANTO DESCE) Orlanda! Orlanda! (AS LUZES CONTINUAM A PISCAR) Orlanda!

ORLANDA (ENTRANDO PELA PORTA DA ESQUERDA) Que queres agora?

LEONOR Aconteceu alguma coisa com o pai?

ORLANDA Estás louca? Que há?

LEONOR Estava no meu quarto, lendo, quando os pilcos a luz se foi. A luz deu de repente!

ORLANDA Deve ter sido o relâmpago que quedou. (VOI TA-SE PARA SAIR) Ah, não braga mais.

LEONOR Orlanda, esses relâmpagos, esses trovões... Ouves?

ORLANDA Não sou surda. Estou ouvindo.

LEONOR Não gosto de ficar aqui sozinha! Espera comigo até passar a noite!

ORLANDA Não interessa mais nada. Tenho de por em ordem a cozinha.

LEONOR Desde pequena, desde que fui internada na escola. Não comia nada de bom em molhos de temperada. Tinha medo...

ORLANDA Sai daqui...



LEONOR Ficava acordada, encolhida sob os cobertores, fechava com força os olhos, tapava os ouvidos. Fica comigo!

ORLANDA QUE loucura é essa? Não vê que a tempestade logo passa? Talvez nem chova. Talvez o temporal caia em mar alto. Não há razão para medo. Te acalmas.

LEONOR Corre a cortina da porta.

ORLANDA (DEPOIS DE CERRAR A CORTINA) Pronto. Que mais queres?

LEONOR Sente aqui comigo.

ORLANDA Eu não tenho tempo.

LEONOR Te custa tanto assim fazer-me um pouco de companhia?

ORLANDA Por que deixaste teus amigos saírem? Porque não foste com eles?

LEONOR Porque não se podem ver nesta casa?

ORLANDA Devias ter saído também. Estarias bem acompanhada.

LEONOR Não fui porque não quis, porque quero conversar contigo. Tenho muita coisa a esclarecer.

ORLANDA Nada tens a falar. Ainda mais com teus amigos por perto.

LEONOR Há muito que espero por este momento. Desde que saí do internato. E agora não se escapas!

ORLANDA E pensa que tens alguma coisa prá falar? Te enganmas. Não tens nada da cabeça. Tenho mais a fazer que ficar te ouvindo! (VOLTA-SE PARA SAIR MAS ESTACA QUANDO OUVI A VOZ DE LEONOR)

LEONOR Orlanda! Não tira o pé desta sala!

ORLANDA (ENTRE DENTES, VOLTANDO) Pela última vez! Tire essas idéias da cabeça! Se continuas nesse teimosia, vai ser pior prá ti!

LEONOR Espera! Não esquece que esta casa é minha agora, me pertence e faço dela o que quiser! (APANHANDO A VELIA QUE ORLANDA TROUXERA AO ENTRAR) Posso pôr fogo nessa velharia toda! Seria um belo incêndio. não é, Orlanda?

ORLANDA Te falta coragem para tanto!

LEONOR Te faço morrer de... fome!

ORLANDA Não perdes tempo com ameaças! Bem se vê que não me conhece ainda!

LEONOR Sei que se sêzinhos! Sei que minha mãe já mandava dinheiro para o sustento! Neste lugar maldito não encontras outro emprego! Por isso, tens um pouco de coragem! Vê como falas! E trata de não me esconder nada! Nada!

ORLANDA Pareces mesmo uma criança. Chégal!

LEONOR Vais falar. E tem de ser hoje!

ORLANDA (VOLTA-SE PARA SAIR) Vou-me embora! (LEONOR RETIRA, RÁPIDA, A VELIA QUE AINDA TEM DENTRO DO LIVRO) ... Que fazes?

LEONOR Se fizeres um movimento para sair... Eu te atiro. Te atiro nas costas! Sai mais rápida. Cuidado! Sai!



ORLANDA (SEM SE MOVER) Esta espátula era de Taelma! Não tens o direito de...

LEONOR Isso é o que menos importa! Está na minha mão agora. Volta e te senta!

ORLANDA Perdêste o tino!

LEONOR Fecha essa boca! Se não, vais ver...

ORLANDA E que tuaras com isso? Tu morta não te podes servir prá nada!

LEONOR Só fala quando eu perguntar!

ORLANDA Que queres saber? Pergunta uma vez!

LEONOR Vai te acalmando. Quero saber muita coisa.

ORLANDA Fala, pergunta. Quero ir embora ainda hoje.

LEONOR Tens tempo. Espera até que o temporal passe.

ORLANDA Não. Nada disso.

LEONOR Veremos isso depois. Senta aqui comigo.

ORLANDA Fica bem, onde estou...

LEONOR Como quiser. Agora fala!

ORLANDA Pergunta.

LEONOR Como foi que teu pai morreu?

ORLANDA Isso já sabes. Tão bem quanto eu. Havia muita gente na casa naquela noite. Tu também estavas aqui.

LEONOR Tu era uma criança então. Estava dormindo.

ORLANDA Pois sabes de tudo, já. Talvez mais do que eu.

LEONOR Não te desvia do assunto! Quem estava aqui?

ORLANDA Muita gente. Teus pais, seus amigos. Muita gente.

LEONOR Isto não é uma resposta. Quero saber quem estava aqui!

ORLANDA Já te disse!

LEONOR Até agora nada!

ORLANDA Não posso saber!

LEONOR És mais teimosa que uma cabra! Quero saber os nomes, Orlanda! Os nomes!

ORLANDA Não sei! Não consigo lembrar! Fazem mais de vinte anos!

LEONOR Só sais daqui viva depois de dizer os nomes!

ORLANDA Me pões o impossível! Não sei de mais nada, nada! Só sei que teu pai bebeu! Bebeu muito!

LEONOR Por causa de minha mãe...

ORLANDA (CORRENDO VIOLENTA) Fuxca! Fuxca! Nunca jamais lhe deu o menor respeito! Anyem-se!

LEONOR Mexidura!

ORLANDA Não bebeu. Bebeu muito. E quando bebeu, saía e caminhava pela noite. Um dia sua mulher morreu afogada. Foi encontrado no dia seguinte. O corpo tinha jogado sobre as pedras!

LEONOR E quem mais estava aqui, além de nós?

ORLANDA Não sei, não sei!



BRUNO Esta decisão tua, de irmos embora antes do dia previsto, esta antecipação... tu ficares sôzinha... quero saber porque.

LEONOR Já te expliquei. Para resolver o que tenho de fazer aqui, preciso estar sôzinha. Mas fica sossegado. Dentro de mais alguns dias vou para casa. Fogo Orianda, vejo a que levo comigo e o resto dou para ela. Fecho a casa e voltamos todos no verão. Para fazer umas reformas. Vês, as paredes estão feias. Precisam de nova pintura...

BRUNO Estas desculpas... Quero saber por que não queres ficar comigo?

LEONOR Já te disse.

BRUNO Antes de ir, quero falar contigo. Sôzinha.

LEONOR O que tens de me dizer já o fui.

BRUNO (TENTANDO ABRACÁ-LA) Leonor, que já sei, quero que você esteja presente. Sei que vais dizer que não, mas...

LEONOR Queres ficar, é isso?

BRUNO Sei que não queres voltar com a gente. Mas eu queria... queria... ficar também. Ao teu lado.

LEONOR Isso não p'xe ser.

BRUNO Como queres que me vá, te deixando aqui, neste fim-de-semana?

LEONOR Tens de trabalhar.

BRUNO Isso não quer dizer nada. Arranja uma desculpa. Posso ficar que adecoi.

LEONOR Evitamos complicações. Para que, mais problemas?

BRUNO (AFASTANDO-SE) Problema é você ficar neste casarão rodeado de areia e mar, sem ninguém por perto, nem nenhum vizinho.

LEONOR Orianda vai estar comigo.

BRUNO Já sabes o que penso dela! Famos disso mais de uma vez!

LEONOR E tens provas contra ela? Onde estão?

BRUNO Não ficas sôzinha. Não te deixes.

LEONOR (INTO PARA A ESCADA) Não vou mais discutir!

BRUNO (PUXANDO-A PELO BRAÇO) Marcia fica contigo?

LEONOR Está se pisenado! (ELE A SOLTA) Marcia já não suporta mais este clima. Este vento constante, esta casa. Já nem fala mais com Fábio. Eles tentaram. Marcia já nem suporta a presença de Orianda!

BRUNO Não queres ninguém contigo, não é?

LEONOR Não vou estar só. Esqueces Orianda! Fazes questão de esquecê-la!

BRUNO Ine dá a atenção demais! Se te lembras dela!

LEONOR Não continues. Não tornas as coisas mais difíceis ainda.

BRUNO Não é mais a mesma.

LEONOR E tu-madeste-muito também!

BRUNO E que? Vamos!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



LEONOR Em tudo?

BRUNO Nunca foste assim! Que anda acontecendo?

LEONOR O que se passa contigo?

BRUNO Que transformação é essa?

LEONOR Que andas imaginando?

BRUNO Que se passa dentro de ti?

LEONOR Pensas que não tenho olhos para ver? Julgas que não sinto tua mudança? Que não sei o que pensas de mim? Tenho percebido. Você andava tremendo coisas!

BRUNO Que tens? Que há contigo? Não te reconheço mais?

(FICAM ASSIM, EM SILÊNCIO, FRENTE A FRENTE DURANTE ALGUM TEMPO).

FABIO (DESCENDE A ESCADA COM SUAS MALAS, MARCIA O SEGUIE) Feitas as despedidas? Vamos?

MARCIA (INICIA PARA LEONOR) Quanto tempo ainda vais ficar por aqui?

LEONOR Não mais de quinze dias.

MARCIA Que tudo te corra bem.

FABIO Nada de muito demora. Olhem que isto dá em choro! (SAI COM AS MALAS)

MARCIA Não queria te deixar. Acho que ir-se assim, nessa pressa...

LEONOR (CONTANDO) Não te preocupa comigo. É só o tempo de pôr as coisas todas em ordem.

BRUNO Mas veremos, em breve!

LEONOR Muito breve.

MARCIA Deixar-te aqui... não seria melhor que eu ficasse?

LEONOR Não vai ser necessário.

MARCIA Podemos vir no próximo fim de semana, não é Bruno?

LEONOR Para quê? (MARCIA A BEIJA NA FACE)

BRUNO Adeus, Leonor.

LEONOR Estarei na cidade em quinze dias.

BRUNO Vouho te buscar.

FABIO (DE FORA) Vá, vá, que daqui há pouco chover! A estrada vai virar um barril! (LEONOR LEVA BRUNO E MARCIA ATÉ A PORTA. ELAS SAEM. MARCIA AINDA ABRAÇA LEONOR, ELA BEIJA UM POUCO E VOLTA, PROXIMO A PORTA ATEÁS DE SI)...

FABIO (ABRINDO A PORTA) Leonor!

LEONOR Sim?

FABIO Posso entrar?

LEONOR Que pergunta, Fábio. Que queres?

FABIO Disse para eles que tinham esquecido minha chave. Mas é isso. Estou com ela aqui. É que queria falar contigo. Falar de coisas.

LEONOR O que? Ora, Fábio!

FABIO É que eu sou assado. Você sabe. Meu trabalho! Você não sabe?

LEONOR Não vou por que?

FABIO Às vezes digo coisas que não quero. Você compreende?



- LEONOR Nem pensa uma coisa dessas.
- FABIO Adeus, então. Acho que venho te buscar quando Bruno vier. (SAI)
- ORLANDA (ENTRA DA ESQUERDA) Foram-se?
- LEONOR Sim. Já partiram.
- ORLANDA Vem jantar uma vez. Se não, fica frio.
- LEONOR Não te incomoda. Se isso acontecer não faz mal.
- ORLANDA Tens de comer alguma coisa.
- LEONOR Não quero nada agora. Vou sair. (INDO PARA A ESCADA)
- ORLANDA Onde pensas que vais?
- LEONOR Buscar um abrigo. Quero ir até as rochas. À beira do abismo.
- ORLANDA Isso não é hora de andar sózinha. Vai de dia, se quizeres.
- LEONOR Andas te preocupando demais. Que te deu na cabeça?
- ORLANDA Faça isso por Thelma.
- LEONOR Não te dá ao trabalho.
- ORLANDA Queres sair numa noite destas? Não posso te deixar! (LEONOR SERVE-SE DE BEBIDA) O mesmo costume de Thelma... Um pouco de bebida antes do jantar... (LEONOR SUSTÉM O GESTO. AFASTA DE SI O CUPIM E A GARRAFINHA) Bebe. Não vai te fazer mal nenhum! Agora me diz: onde passaste a tarde? Que andaste fazendo?
- LEONOR Passei a tarde em casa. Aqui dentro.
- ORLANDA Não te vi. Onde foi que te escondeste?
- LEONOR Estive no sótão...
- ORLANDA E prá que? Nada tens a fazer lá em cima! Desde que perdi as chaves, é isso. Qualquer um pode subir e lá ficar.
- LEONOR Não sou qualquer uma. Lembra que sou a dona de tudo isto!
- ORLANDA Prá te encontrarem com teu noivo, não precisavas subir ao sótão.
- LEONOR ...Prá sózinha...
- ORLANDA Pensa que me engana?
- LEONOR Bruno nunca pôs a mão em mim!
- ORLANDA Não estou perguntando e nem me interessa!
- LEONOR Pois então deixa de inventar histórias.
- ORLANDA Que foste fazer lá em cima? Vamos. Responde.
- LEONOR Procurar coisas minhas! Que me pertencem!
- ORLANDA E achaste alguma coisa de interesse? Algo que valésse a pena?
- LEONOR As cartas. Foi o que achei procurando! Estás contente agora?
- ORLANDA Não realmente uma coragem que me espanta. Chegas a igualar tua mãe...
- LEONOR Esquece Thelma! Agora sou eu que estou aqui! E quer que eu faça não, vai te acostumando à ideia. Não podes fazer nada!
- ORLANDA Cuidado, menina! Fica no teu lugar! Se não será pior... (LHEZES PISCADA)
- LEONOR Aninha quer alguém aqui para consertar o gerador! Isto não é um



pedido, Orianda. É uma ordem!

ORLANDA Impossível! Não tem ninguém que entenda disso. O único homem que sabia já não vive mais aqui. Mudou-se.

LEONOR Tu sabes onde encontrar esse homem.

ORLANDA Já coloquei velas por toda casa. Quando preciso, é só acendê-las.

LEONOR Sabes que não gosto. O cheiro delas me incomoda.

ORLANDA (INDO PARA O RETRATO) Tielma gostava. Às vezes me pedia para apagar todas se luzer. Todas. Acendíamos velas, então. E assim ia avançando na casa, conversando até alta madrugada. Até escuras de noite.

LEONOR Tens de trazer alguém.

ORLANDA Vou buscar tua cordão.

LEONOR Não quero.

ORLANDA Tens de comer!

LEONOR Já disse que não!

ORLANDA Como quiser. (SAI)

LEONOR Ela nunca vai revelar nada. Nunca falará, por sua vontade. Tenho de arrancar-lhe a verdade da boca. Palavra por palavra. Até que tudo se descubra! (CHAMANDO) Orianda! Orianda!

ORLANDA (DA PORTA) Por que me chamas?

LEONOR Me traz um chá.

ORLANDA Já está pronto. Só esperava que pedisse. Tielma também tomava chá a esta hora. (DESAPARECE PARA VOLTAR EM SEQUIDA) Aqui tem. (DEPOSITA SOBRE A MESA).

LEONOR (PROVANDO O CHÁ) Dormes aqui, hoje.

ORLANDA Não sei.

LEONOR Desses uma xícara e bebe comigo.

ORLANDA Não quero.

LEONOR Já preparei um quarto pra ti.

ORLANDA Só fico se dormir na casa do jardim.

LEONOR Não. Vai dormir no quarto pegado ao meu.

ORLANDA Versões. Depois resolve. (SAI)

LEONOR (FONDO DE LADO O CHÁ) Em que força ela se nutre? Que denúncia a alimenta? De onde tira essa energia para resistir assim? Nada do que faço, nada do que digo parece abalar essa mulher! Lango-me contra ela, procuro arrancar-lhe a verdade e ela continua fechada, avarenta, guardando em si o que preciso saber! (LUZES CAM) Orianda! Orianda! (CHEGA À PORTA DA ESQUERDA) Orianda! Orianda! Orianda, onde estás? (VOLVENDO) Voltou-se embora. Não teria coragem de ir sem me dizer nada. Orianda! (VÃO À ESCADA. QUER SUBIR. MACHA ANTE A ESCURIDÃO QUE DOMINA O PRIMEIRO LANCE DE DEGRAUS) - Orianda! (O ÉCO REPETE O NOME) Esse éco!

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Como é possível? Ela não está lá em cima. Eu a teria visto passar! (NUM ESFORÇO, SOBRE ALGUNS DEGRÁUS) Orianda! (O NCO REPETE O NOME) Orianda! (AS LUZES VÃO MORRENDO EM RESISTÊNCIA) A vela! A vela! Aqui. (ACENDE-A) No jardim. Ela tem de estar no jardim... (VAI À PORTA ENVIDRAÇADA) Orianda! (CERRA A PORTA COM A CHAVE. RE TIRA-A DA FECHADURA) Não possa ter me deixado. As janelas não es tão trancadas! (CORRE E CERRA-LAS) (VAI À PORTA DA ESQUERDA) Esta .. tenho de trançá-la... Não há chave! Nenhuma! (LUZES MORREM DE VEZ) Orianda... (OUVE-SE POR UNS MOMENTOS O VENTO QUE ULVA E GEME NAS FRESTAS. SENTA-SE DE COSTAS PARA A PORTA ENVIDRAÇADA. ELA ESTÁ MUITO TENSA) Orianda não pode ter ido embora... Não pode... (OUVE-SE O RUÍDO DE UMA CHAVE NA FECHADURA DA PORTA DE VIDROS. ELA EN RIGECE O CORPO. PERGUNTA NUM MISTO DE ESPERANÇA E MEDO, NÃO OUSA VOLTAR-SE) Orianda? É você? (A PORTA ABRE-SE COM VIOLÊNCIA. O VEN TO INVADI LIVRE A SALA E FAZ DANÇAR AS CORTINAS. UMA SU- JIETA NEGRA ESTÁ PARADA À PORTA. ELA SE VOLTÁ. QUER GRITAR, NE- NHUM SOM LHE SAI DA GARGANTA. INTANTA EM PÂNICO SEMPRE TENTANDO GRITAR, A SUJETA LANÇA-SE SOBRE ELA).

O VAGABUNDO - Por que demora tanto, Theima? Por que?

LEONOR (NUM EXTREMO ESFORÇO) Não, não! Não sou Theima!

VAGAB. (AJORILHANDO-SE AOS PUGOS AOS PÉS DE LEONOR) (PASSA LHE OS BRAÇOS PELO TORSO. ELA SE DEBATE. ELE USA A FORÇA) Theima... Theima... Theima... (LEONOR SE DEBATE EM PÂNICO ENQUANTO UMA SOMBRA DE MU- LHER GARGANTA POR TRÁS DOS VIDROS DA PORTA.

... E A N O ... FIM DO 2º ATO.



CENA 1. A TARDE CAI. UM CREPUSCULO DE INVERNO, DE CÔRES ESMAECIDAS COLORE DEBILMENTE OS VIDROS DA PORTA. O VENTO COMEÇA A SOPRAR. DENTRO DE CASA HÁ UM SILÊNCIO GRANDE. A PORTA QUE DÁ PARA O JARDIM ABRE-SE. LEONOR ENTRA, LENTA E SILÊNCIOSAMENTE. NÃO MOVE UM MÚSCULO DA FACE. TRÁS EM UMA DAS MÃOS UMA BRAGAÇA DE SEMPRE-VIVAS E ALGUNS OUTROS RAMOS ESTÉREIS E RESSEQUIDOS. NA OUTRA, TEM UMA PESCOIRA DE COIHER FLORES. AO OUVIR A VOZ DE ORLANDA QUE ENTRA PELA PORTA À ESQUERDA, ELA IMOBILIZA-SE E DETÉM O GESTO DE ARRANJAR AS FLORES. O ROSTO CONTRAI-SE)

ORLANDA (ESFORÇANDO-SE PARA MANTER A VOZ DOCE, GAIÇA) Ouves o vento? Está soprando forte de nôvo. Vamos ter chuva, à noite. Ainda não falaste comigo, hoje. Passaste o dia encerrada, por que? (APROXIMA-SE E COLOCA-SE POR TRÁS DE LEONOR) Vejo que estiveste no jardim. Fizeste bem. Não deves ficar trancada em casa. Mas deves ter cuidado ao sair com um tempo destes. Há muitas árvores velhas no jardim, estão mortas há tempo. Têm os galhos ressequidos. Qualquer brisa os faz despenhar. Te podem atingir. É perigoso. Estás me ouvindo? (CHEGA-SE MAIS) Que flores são essas? Nesta época não é fácil encontrar. - Sempre-vivas! Costumam dar apenas no verão. Quando o tempo é mais quente. Estranho que estejam florescendo agora. Gostas de sempre-vivas? Corália também gostava. Muita. Certo verão, há muitos anos atrás - nem eras nascida ainda - ela me pediu que as henesse ao longo dos muros. As primeiras que nasceram eram fracas e de côres apagadas. A terra não era boa. Mas, aos poucos, foram acostumando a esta chão de areia e sal. Sempre-vivas. Sempre-vivas. Pode haver nome mais adequado? Sempre-vivas. Como certas pessoas que...

LEONOR (FORTE, NUM GRIO) Cala-te! (O ESPORÇO DE MANTER-SE EM SILÊNCIO, E DEPOIS ROMPE-LO, LEVA-A À CAMELEAR, APOLA-SE NUMA CADEIRA).

ORLANDA (ACORRENDO) Que se passa? Te sentes mal?

LEONOR (DESVIANDO O ROSTO) Cala-te! Não diz mais nada! Nenhuma palavra!

ORLANDA Que foi que te fez?

LEONOR Não xês que tua voz me fere os ouvidos? Que não posso ouvi-la? Que me faz mal?

ORLANDA Estás doente!

LEONOR Sai de perto de mim! Sai daqui!

ORLANDA (TENTANDO PÔR-LHE A MÃO NA TESTA) Deves estar com febre. Só pode ser isso!

LEONOR (GERRANDO O PUNHO, DA LHE NA MÃO. Febre, ou seja nenhuma!) (ELA DEIXA A CAMEIRA, ORLANDA A SEGUIR) Não te aproximes. Nem um passo!

ORLANDA Estás variando! Estás variando!

LEONOR (ENTRE INERTES) Te afastas, sai de meu caminho!



ORLANDA Perdeste o tino! Perdeste o tino!

LEONOR Já te disse que não te quero aqui!

ORLANDA Perdeste o tino! É isso! Não sabes o que dizes! Não podes ficar sôzinha. Nunca. Precisas de teus amigos. Para te distrair!

LEONOR Se tu tivesses um pouco de dignidade, mas não sabes o que é isso! Não sabes! Se tivesses, me deixavas aqui. Para sempre. Desaparecias da minha frente!

ORLANDA Fica certa que isso nunca vai acontecer. Não é assim que te livres!

LEONOR No entanto, ontem tua sabias. Sabias. Pedi que ficasse comigo. Mas não, não era possível...

ORLANDA (CORTANDO) De que está falando? Não perde tempo, fala claro!

LEONOR Me deixou sôzinha! Sabias de tudo!

ORLANDA Por que não foste com eles? Teu noivo não quis te deixar aqui. A melhor coisa que podias ter feito era ir embora. Com eles! Tantas companhias. À toda hora. dia e noite!

LEONOR Sabes de tudo, e não falas. Confessa!

ORLANDA Quem te botou isso na cabeça?

LEONOR Eu sei. Eu vejo.

ORLANDA Não te fiz nada! Nada! Por que me acusas se nada fiz?

LEONOR Não te faz de esquecida!

ORLANDA Sai ontem de noite, sim. Tive de ir embora. Buscar minhas coisas. Para ficar nesta casa. Para ficar contigo, aqui! Ao teu lado! Foi buscar minha roupa. Que mais queres?

LEONOR E não me avisou de nada. Não falou uma palavra. Por que não deixou para ir de dia? Eu pedi...

ORLANDA Eu não disse que ficava. Pelo contrário.

LEONOR Logo que fiquei sôzinha, a luz apagou... Foi isso.

ORLANDA É o gerador que não está mais trabalhando bem. É muito antigo.

LEONOR E não queres trazer ninguém para consertar.

ORLANDA Não há ninguém! Não há ninguém!

LEONOR Quando a luz se foi eu... eu... (TEM DIFICULDADE EM CONTAR)

ORLANDA O que foi? Fala outra vez! Não fica muda!

LEONOR Eu... Foi terrível! Eu... Foi assim!

ORLANDA Que loucura é essa!

LEONOR Alguém entrou por aquela porta e se estirou sobre mim!

ORLANDA Estás perdendo a razão!

LEONOR Alguém deve ter a chave!

ORLANDA Deixaste a porta aberta? O vasto forte aqui. Os trincos estão muito velhos!

LEONOR E havia mais alguém, por trás dos vidros, que gargalhava tonou contra da casa. A casa toda gargalhava de mim!

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ORLANDA No sótão, nesta sala, no jardim, sob as árvores, por toda a casa. A verdade está ao teu redor. Te sufoca e não sentes! Tira o próprio ar que respiras e não consegues perceber! Tropeças nela e não vês!

LEONOR É por isso que queimaste a carta? Era uma das provas! Era o início de tudo! Sentias a ameaça te pesando sobre a cabeça! A carta te punha em perigo. Mas eu encontro as outras. Estejam onde estiverem! Não tens saída! Sei que ela te escrevia sempre. Muitas. E com elas descubro tudo. Vou ao sótão, irei à tua casa, derrubo estas, se preciso for. Não deixo pedra sobre pedra. Arranco os próprios alfilerces!

ORLANDA Já falei que a verdade está aqui! Em tudo!

LEONOR Tens medo. Muito medo de mim. Não deixo este lugar até trazer tudo à tona. Tudo! Entende bem? Tudo! Nem que leve o resto da minha vida na procura. E no fim, quando tudo estiver resolvido, eu te destruo! Te arranco a vida! Te elimino!

ORLANDA Não chegas a isso, eu sei. E não gastas tua vida procurando o que não tens possibilidade de encontrar sozinho.

LEONOR É o que você pensa! Não perdes tempo em esperar!

ORLANDA (COMPLETAMENTE FORA DE SI) Já vais ver! Já vais saber de tudo! (CORRE À UMA ARCA OU BANCO DE FUNDO FALSO, RETIRA DO CINTO UM MAÇO DE CHAVES, ABRE A ARCA E RETIRA UM MAÇO DE CARTAS ATADAS COM FITAS. ROMPE AS FITAS.)

LEONOR Era aí então?

ORLANDA Estava aqui! Tudo aqui! (ORLANDA ARRANCA AS FITAS E JOGA AS CARTAS QUE CAEM SOBRE LEONOR). Já tens tudo o que precisas!

LEONOR Eu sabia, eu sabia! Arranquei-te a verdade! (AGACHA-SE PARA RECOINHE-LAS)

ORLANDA Toma! Enfrenta a verdade! Lê tu mesma! Eu não preciso mais delas. Tenho tudo guardado aqui. (INJURIA A CABEÇA) Noite após noite eu lia. Conheço todas, linha por linha! Escuta! Ouve se, ters coragem! Abre bem esses teus ouvidos! Não perde nenhuma palavra! Guarda pra sempre! (ORLANDA COMEÇA LENTA E VAI CRESCENDO ATÉ O DESVATIO) "Querida Orlanda: que saudade tenho de nossas longas noites à luz de velas..." - "Não vejo a hora de chegar na casa por trás das dunas. Temos tanto a conversar..." - "...reveja o jardim. Minhas queridas sempre-vivas..."

LEONOR (RECOINHEndo AS CARTAS) Sempre-vivas? Sempre-vivas?

ORLANDA "Orlanda, querida amiga, não deixa de tratar meus peixes. Não deixes que estas cartas caíam em mãos estranhas. Em mãos que não podem compreender..." - "...Quisa a todos e trata dos meus peixes. Sabes como gosto deles, como me divertem. Trata-os com carinho..."

LEONOR (LEVANTANDO, COM ALGUMAS CARTAS NAS MÃOS, ALGUMAS ESTÃO AMARROTADAS)



ORLANDA "Faltam, faltam, faltam. Compreendo tudo, agora!"
 "...mas não quero viver assim! Quero viver com você, com você, com você. Sem ninguém para me explicar..."
 "Quando chegar quero sempre-vivas por toda a casa. Na noite de jantar. Me suja de doce, de leite, de tudo..."
 "...você sempre-viva, quero ver tu no céu..."

LEONOR (RETRAI-AS DO VASO PROLÍFERAMENTE) Não quero flores que mudam muito fácil (VAI PARA A JANELA E JOGA AS FLORES, ORLANDA A SEGUIR).

ORLANDA "...quero sempre-viva por toda a casa..."
 "Você, o que não é de mim, Orlandinha!"
 "Preciso de ti. Quero ver tu, ali, na tv. para..."

LEONOR Não precisa mais de mim! Sai de perto de mim! (ORLANDA A SEGUIR SEMPRE, LEONOR QUEBRE SOBRES A ESCADA, ORLANDA QUE INTERROMPE O GAMBELHO).

ORLANDA "...você deita, Orlandinha. Coloca de umas palmas e trata de trazer outras. Diferentes, jovens. Mas escolhe bem. Quero-as bonitas, bonitas, bonitas..."

LEONOR Basta! Chega! (TAPA OS OLHOS) Não quero mais! Não quero! Não quero! Não quero!

ORLANDA "...ouve Orlandinha, vive bem! prepare suas palmas para minha decoração..."

LEONOR Não quero mais ouvir! Me deixem! Tenho medo!

ORLANDA "...você tem a boneca, Orlandinha! Não se preocupe. Aparece a mais perfeita delas. Meus amigos não suspeitam da verdade. Não sabem com a nossa coragem. Podemos ficar escondidas..."

LEONOR Para com isso, Orlandinha!

ORLANDA "...lembra você do pai. Não se parece em nada comigo. É muito diferente. Não: foi perseguido. Na noite em que ele morreu, ele estava dormindo. Todos estavam dormindo. Minha mãe e eu. Despertamos. Não tínhamos..."

LEONOR Você não tem culpa de nada!

ORLANDA "...tenho um braço descolado. Ele dói..."

LEONOR Você é a mãe! Você é a mãe! (TAPÇA SE SOBRES A MESA, APANHA A TESSOURA E JOGA SE COM ELA EM FURTO CONTRA O RETRATO DE CORALINA)

ORLANDA (SEGURANDO A POR BRAS NÃO BELTA QUE ELA SE APROXIME) (LEONOR CONTINUA A DAR GOLPES NO AR, AOS SOUROS) ...Felizmente!

LEONOR (PARA O RETRATO) Vede morrer entre nós! O que não... Para sempre!

ORLANDA (ARCASTA-A PARA O LOCAL ONDE AS CARTAS ESTÃO ESPALHADAS, JOGA-A BRUTAMENTE AO CHÃO) A TESSOURA ROLA, ORLANDA A APANHÁ-LA. ...Serve para sempre e na justiça... Serve apenas para manter a ordem. Quer sempre-viva...

...INTEZ MORRER EM RESISTÊNCIA SOBRE AS IDA...



ORLANDA RECUA ATÉ FICAR JUNTO DA PORTA. LEONOR SOIÇA ENTRE AS CARTAS. O VENTO, AGORA MAIS BRANCO, AINDA GEME LÁ FOR A. AOS POUCOS, LEONOR SE REANIMA. APANHA UMA CARTA, OLHA O CONTEÚDO. PÕE A MESMA DE LADO, RECOLHE OUTRA QUE, DEPOIS DE EXAMINAR, AMARROTA. SEMEIXE SEMÉTICAMENTE AS CARTAS. O QUE ERA UMA ÂNSIA DE DESCOBERTA TRANSFORMA-SE AGORA EM CURIOSIDADE. AO PASSAR OS OLHOS PELAS CARTAS REENCONTRA AS LINHAS JÁ DITAS POR ORLANDA, REPETE-LAS. TEM, ÀS VEZES, EXCLAMAÇÕES ABAFADAS. O INTERESSE COMEÇA A COMORIR-SE DE UM PRAZER AINDA INDEFINIVEL. ORLANDA OBSERVA, PONDERA, PROCURA MEDIR O EFEITO DAS CARTAS SOBRE LEONOR. O PRAZER CRESCER. ESTABELECE-SE NA FACE DE LEONOR, UM CÃO UIVA NUNCA LONGE. ELA SONRI, TRANSFORMANDO YAGADOR MENTE. JÁ NÃO É MAIS A MESMA. O VENTO IRROMPE NA SALA, FORÇANDO A PORTA, ESTÁBILICA, DE JORINOS, ENTRE AS CARTAS ESPALHADAS EM SUA VOLTURA. ELA VÊ A PORTA ABRIR-SE. COMPREENDE. ORLANDA SONRI. --- (O... LIZA EM RESISTÊNCIA SOBRE AS DUAS...O) ---

CENA 2. - ALGUNS DIAS DEPOIS, É NOITE. ORLANDA DESCE AS ESCADAS TRAZENDO UM CHALE NAS MÃOS. VAI COLOCÁ-LO COMO COBERTURA NA MESA. LEONOR ENTRE PELA PORTA QUE DÁ PARA O JARDIM.

ORL. Andei procurando você pela casa toda. Estive na adega e no sótão. Foi até o jardim. Chamei e procurei pela praia.

LEONOR (AÍHEIA) Eu ouvi uma voz. Chamavam alguém. Não se se a mim ou a outra pessoa, desconhecidas. Não pude reconhecê-la. Vinha de muito longe. Foi por isso que não vim.

ORLANDA Já disse mais de uma vez que não quero que saia sem me avisar. Parece que você anda fugindo de mim. É essa a impressão que se tem.

LEONOR (AUSENTE) Porque devo avisar? Conheço tão bem este lugar?

ORL. Não entenda ou faz que não? Como quer que eu adivinhe onde anda? E depois, sabe que não gosto e nem quero ver você arrendo por aí, a zinha por essas areias, perdida.

LEONOR É noite de lua cheia. Não está escuro. A poeira está clara como se fosse dia. (CÃO UIVA) Orlandas!

ORL. (APRONHA-SE) Que quer?

LEONOR Escuta! Ouve! Está ouvindo?

ORL. Sim. É um cão perdido. Costumava ficar por essa casa. Depois desapareceu...

LEONOR Vem comigo. Aproximou-se de mim. Acompanhou-me de perto até o portão do jardim. Não o deixei entrar. É por isso que ele uiva?

ORL. Sim. É por isso. (PASSA-LHE A MÃO PELOS CABELOS) (O GESTO É TUMIDO, LENTO, MAS MUITO SENSURO) Teu cabelo está molhado. Darei ao sol. (DÁ-LHE O CHALE) Toma. Seca a cabeça. (LEONOR APANHA-O E FICA COM ELE NAS MÃOS. NÃO FAZ GESTO ALGUM) Você esteve nas pedras, de novo! Porque? Responda.

LEONOR (COM O CHALE NAS MÃOS) Não sei. Não. Sim... Como sabe? Que olhos você tem! (MUITO INSEGURA) Como foi que descobriu? Você vê tudo, sabe o que faço e o que deixo de fazer... Estive nas pedras... Durante muito tempo. Sai e fui logo para as rochas...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ORI. Seus pés estão verdes de limo e musgo. Você não deve ser tão tocha. Nunca. Principalmente de noite. É perigoso. Lembra que Henrique caiu naquele lugar...

LEONOR (REPENTINAMENTE DÁ-SE CONTA DO CHALE QUE TEM NAS MÃOS) Para que isso?

ORI. Estava no sótão. Há muito tempo, muito tempo. Trouxe para você.

LEONOR O que devo fazer com isto?

ORI. Não está reconhecendo? Olha, examine. Que trabalho! Não lembra? Você usou este chale numa festa. Aqui mesmo. Nesta casa.

LEONOR Não lembro. Não consigo lembrar.

ORI. É natural. Foi tanto tempo. Até eu já tinha esquecido.

LEONOR Não sei... Não sei nada.

ORI. Essas coisas se esquecem. Mas tente lembrar...

LEON. Sim... Parece que é verdade...

ORI. Vamos, saca o cabelo.

LEON. Não. Deixa como está. Tem vertebra que pede um chale?

ORI. Toda certeza. Hoje pela manhã, quando você foi ao jardim...

LEON. Sim. Foi ao jardim.

ORI. Você me pediu um strigol. Deixei. Depois lembrei sobre o chale. Por que não usá-lo, pensei. Ela não se gostou.

LEON. (SAINDO DO ABELAMENTO) Não! Pega. Leve de volta ao sótão. Guarda no mesmo lugar onde o encontrou. Não precisa dele. Está desbotado. É antigo demais. Não quero. (DEVOLVE-O)

ORI. (INSINUANTE) Vamos. Experimenta. Vê que tecido. (COLOCA-O SOBRE OS OMBROS DE LEONOR) Foi feito para ti. (O CÃO UIVA)

LEON. Verdade! Agora me lembro. Era uma festa. Parece que havia uma festa aqui, nesta casa...

ORI. Isto. Lembra... Lembra mais... Você vai ver como tudo se torna simples, tão claro...

LEON. Havia muita gente... Estávamos todos aqui... Eu estava com aquela vestimenta... (APOIENA O QUADRIL) O mesmo do retrato... Era o mesmo. Orianda.

ORI. Era. O vestido era o mesmo.

LEON. Ele me ficava muito bom... Você gostava muito dele. Tanto como eu...

ORI. (DEMONIACA) Mais! Mais! Recordar, lembrar!

LEON. Havia gente... tanta... Não posso mais! Não posso!

ORI. Quer mais ajuda?

LEON. Não! Não quero a ajuda de ninguém! Não quero lembrar... Não quero lembrar nada! Não devo, não devo, sei que não devo. Alguém não devo lembrar, Orianda!

ORI. Que se passa contigo agora? Por que voltas atrás? Por que esse medo? Vamos! Lembra tudo! Foi essa ocasião a trabalhar. Você pode lembrar. É só querer. Não precisa ter medo. Henrique estava rancido com você... e sabe por que? Por que?

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- LEON. Para, Orianda. Não diz mais nada, nada! Pensa que vou ficar ouvindo aqui, pensa que não me livro de você? Está enganada. Nada nem ninguém me aprisiona! Nada!
- ORL. Por que fala assim? Ninguém tem nada contra você, pelo contrário. Todos a querem muito. Muito! E você despreza todos. Não há razão para isso! (INSINUANTE DE NOVO) Vamos. Eu ajudo você. O vestido era o mesmo do retrato. Depois me pediu um chale. Quando voltou para a cidade, mandou uma carta. Em que falava do chale.
- LEON. Mentira! Isto tudo é mentira!
- ORL. Tenho a carta guardada. Posso mostrar.
- LEONOR. Pois mostre, prova então.
- ORL. Você não perde por esperar. Dê-me tempo.
- LEON. Tudo é uma farsa... Não acredite. Você está inventando histórias. Como quando disse que Bruno se encontrava comigo no sótão! (A REFERÊNCIA A BRUNO A PAZ GAMBALGAR, LIBERTA-SE POR UNS MOMENTOS) E agora vem com essa história da festa... das pessoas... de que não me recordo... Porque não foi verdade... Nada é verdade... (AS LUZES PISCAM) As luzes! Orianda, as luzes...
- ORL. Acalma-te. Enquanto eu estiver por aqui, nada de mal te acontece. Confia em mim.
- LEON. Traz velas, depressa. (ORLANDA SAI PARA BUSCÁ-LAS, ELA A SEGUIR E A RETÉM PELO BRAÇO) Não! Dêixa! Fica comigo. Não posso ficar sozinha...
- ORL. Melhor assim. Temos velas por aqui. (ACEENDE UMA) Pronto.
- LEON. Fica comigo, Perto de mim.
- ORL. Senta e te acalma. (PASSA EM QUE LEONOR SENTA, O CÃO UIVA AO LONGE)
- LEON. Este animal que não cessa de uivar...
- ORL. Davias ter deixado êle vir contigo...
- LEON. Deve estar faminto, com frio...
- ORL. Amanhã vou procurá-lo. Não. Melhor é que você mesma vá. Já que êle seguiu você... Já que reconheceu você... (O CÃO UIVA)
- LEON. Sim, sim. Amanhã trago-o pra casa.
- ORL. Mais calma, agora?
- LEON. Muito mais. Dê-me uma coisa de beber. Mas nada forte.
- ORL. (SAI PARA JUNTO AO TOCA-INGOS. SERVE UM POUCO DE LICOR) A bebida está quase no fim... (VOLTA) Toma. Vai fazer be...
- LEON. (BEBE E ENTREGA O CÁLCICE A ORLANDA, QUE O LEVA DE VOLTAR) A festa...
- ORL. E então? Lembra agora? Consegue lembrar?
- LEON. Parece que sim. Acho que lembro. Tudo se torna claro... (PISCAM)
- ORL. Por que Henrique ficou furioso com você, na noite da festa?
- LEON. Ele não estava furioso. Apenas sangado. Um pouco.
- ORL. Muito.



- LEON. Foi porque dancei a noite toda...quase toda a noite com alguém que... Quem era esse alguém ... ?
- ORI. Você sabe.
- LEON. Não!
- ORI. Sabe sim. Procura descobrir!
- LEON. Não posso!
- ORI. Esse alguém era muito jovem...era belo.
- LEON. É verdade. Era jovem. Morava. Tinha belos olhos claros...Seu nome... Como era o nome dele?
- ORI. (COM DESDÉM E REPUGNÂNCIA) Que importe o seu nome? Era um nome entre muitos! Que interesse pode ter?
- LEON. Nenhum...
- ORI. Faz muito bem em esquecer os nomes. É preciso enterrá-los. Bem fundo.
- LEON. Dancei muito tempo com ele...conversamos muito...falamos durante horas...Henrique bebeu. Bebeu muito. Sangrou-se...ameaçou-me...No quarto ele...ele...ele tentou me sufocar...apertou-me a garganta...seus dedos eram muito fortes...Henrique era muito forte...eu...eu me debatia...me contorcía...derrubei na luta, derrubei uma jarra...consegui gritar...gritar...gritei por socorro...a porta abriu...abriu de repente e você estava ali, pronta, você chegou a tempo!!!
- ORI. (MUITO SEGURA DE SI, MAS TAMBÉM POSSUÍDA PELA MEMÓRIA DE LEONOR) - Henrique estava fora de si! Completamente fora de si! Como alucinado!
- LEON. Agora lembro tudo! Tudo! Foi para esta festa que pedi o chale. (O CÃO UIVA MAIS PRÓXIMO DA CASA, MUITO PRÓXIMO) .. (LIZES APAGAM).
- ENA 3. LEONOR SENTADA EXAMINA AS CARTAS. OUVEM-SE BATIDAS, COMO DE ALGUÉM QUE PREGASSE TÁBOAS, VINDAS DO SÓTÃO. JÁ É QUASE NOITE.
- LEON. (FONDO DE LABO ABRUPTAMENTE AS CARTAS) - Não não quero. Sinto que não devo. No entanto, alguma coisa existe que me leva a querer, a desejar...Devo resistir, preciso me opôr. Não devo permitir. Não posso deixar que me derrubem.
- ORI. (APARECE NA BECADA VINDA DO SÓTÃO, PARA NO PRIMEIRO LANCE DE DEGRAUS) - Vejo, sei que ela está retornando. Voltando a ser o que foi quando chegou aqui...
- LEON. Que força é essa que paira por toda a casa ?
- ORI. Que resistência é essa? Sua energia me assombra! Ela tem uma força espantosa...
- LEON. No sótão, na adega, nesta sala, nos quartos, em pleno ar livre, existe uma energia, uma força oculta que trava, que procura sobreviver, que quer renascer à minha custa, que se nutre em mim, me tira o sangue...
- ORI. Que coragem, que persistência! Nega-se a morrer, nega-se a deixar v



gato lugar!

LEON. Não posso ceder! Não devo abandonar-me a ninguém e a nada!-

ORL. Ela precisa deixar-se levar... Tem de abandonar-se...

LEON. É isso que Orlanda quer! Para conseguir, terá de me enfrentar. (SENTE-MO MUITO À MERCÊ, SURRENAMENTE) Como posso libertar-me para sempre? Por que deixei que se fôsse? Por que não pedi que ficassem comigo? Meus amigos...

ORL. Se ela se livra, quem fica perdida sou eu. Para sempre. E ela, a outra, aquela por quem tudo faço, por quem vivo, vai desaparecer.

LEON. É isso que Orlanda quer. Devo desaparecer para não voltar nunca. Não posso permitir, não posso, não posso...

ORL. Ela não se dobra. A luta é de igual para igual. Quando penso que a tenho na mão, ela me escapa. Livra-se. E se ela vence, o que será de mim, da outra?

LEON. Orlanda espera vencer. Mas eu luto. Me imponho. Não me entrego sem luta, sem usar o que me resta de forças! (O CÃO UIVA LONGAMENTE. ELA LEVANTA PARA IR À JANELA E VÊ ORLANDA) Você está aqui? Pensei que estivesse no sótão.

ORL. Venho descendo. Você não ouviu as batidas?

LEON. Ouví. Era você, então?

ORL. Sim, era eu. Freguei a porta do sótão.

LEON. Por que? Você não podia ter feito isso. Não sem perguntar primeiro.

ORL. É que a janela do sótão não fecha. E a porta não tem chave. É fácil para quem quiser escalar a parede, entrar pela janela e do sótão entrar na casa. Estamos mais seguros, assim.

LEON. Você fez bem. Mas devia ter me perguntado.

ORL. (PONDO O ALBUM DE FOTOGRAFIAS SOBRE A MESA) Olhe, trouxe o álbum. Você o esqueceu no quarto. Aqui está.

LEON. Já o conheço. Andei examinando as fotografias. Muitas foram arrancadas. Outras, alguém pegou uma tesoura e as cortou ao meio. (O CÃO UIVA NOVAMENTE) Esse animal...

ORL. Você disse que o queria para casa hoje. Não conseguia, então?

LEON. Procurei-o pela praia toda. Até as pedras. Não o encontrei. E agora está aí, rondando o jardim de novo. Se tivesse uma arma, eu mataria esse animal.

ORL. (DEPOSITANDO O MARTELO SOBRE A MESA. É UM MARTELO PESADO) Está louca? Depois de estar a biche, viria o arrependimento. Deixa. Não dá para mudar ninguém.

LEON. Desde que cheguei, ele fica por perto da casa. Me segue quando saio, à noite. Não se aproxima muito. Mas vejo que gostaria de sal-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ORI. Ela gosta de você. Vai ver que você se parece com o dono. Que é um
lher a quem pertencem. Os outros são assim. Você deve se parecer
com ela. Ter o mesmo cheiro. (O CÃO BIVA)

LEON. É preciso saber esse cheiro?

ORI. (DESCONVERSANDO) Você me pegou sem adivinhar. Por favor por tudo a
causa. No seu quarto também. Não notou?

LEON. Sim, sim. Foi assim que - A coisa está com cheiro de espírito. Mas, você põe
floreas também.

ORI. De modo que não sou amigo de você. (O CÃO BIVA)

LEON. Calma. Não se preocupe com o cheiro. Não dá para

ORI. De você não curar. Já sei. Você não sabe a quem ele segue porque que
você se parece com o dono. Você quer saber o cheiro de espírito? É assim que
você pode reconhecer o espírito de espírito.

A VIE DO VAGABUNDO (MONTANDO) O que é isso? O que é isso?

LEON. Não é nada... 'três'... 'três'... 'três'... 'três'... 'três'... 'três'... 'três'...
que se sabe disso?

VOZ (ALÉM DA PORTA) Não dá para

LEON. Não dá para

ORI. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

LEON. Não dá para

ORI. Todas as partes estão produzidas. Não dá para. Não dá para.

LEON. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

ORI. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

LEON. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

ORI. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

LEON. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

VOZ Não dá para

LEON. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

ORI. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

LEON. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

ORI. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

LEON. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

ORI. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

LEON. Não dá para

ORI. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

LEON. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

ORI. Não dá para

LEON. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.

ORI. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para. Não dá para.



- LEON. Vamos, abre. Não pergunta.
- ORL. (OBEDECENDO) Pronto. Agora diz o que queres.
- LEON. Consegues ver quem grita dessa maneira? Quem chama?
- ORL. Não vejo ninguém. Não vejo nada. Está muito escuro. (FECHA RÁPIDO A JANEIRA)
- LEON. (AFASTA-SE) Ainda há pouco havia alguém chamando. Muito junto da casa. Perto do muro, no jardim... Não viste nada? Nem um vulto?
- ORL. Não vi e não escutei ninguém. Você está cansada. Precisa de um repouso. Ven, trouxe tudo do que preciso. (RETIRA UM PLENTE DO BOISO DA SALA) Lembra do que me pediu hoje pela manhã?
- LEON. Não, não sei de nada. Me deixei. Tenho de preparar minhas malas. Vou-me embora amanhã cedo. (CORRE E SOBRE AS ESCADAS)
- ORL. (ASSIM QUE LEONOR DESAPARECE) Tem de ser hoje. Não pode passar desta noite!
- LEON. (NO QUARTO, GRITA EM PÂNICO) Orlando!
- ORL. Este princípio? (LEONOR DESCE LENTA E LIVIDA)
- LEON. (MAL CONSEGUINDO ARTICULAR AS PALAVRAS) No meu quarto... no meu quarto...
- ORL. (Muito calmo) Sim, o que há?
- LEON. No meu quarto... sobre a cama... no meu quarto...
- ORL. Falai!
- LEON. Um vestido...
- ORL. E que tem isso? Grande coisa!
- LEON. Aquê!... (APONTA O QUADRO) Aquê! vestido que aparece no retrato... Eu não o tinha visto antes... como pode ser isso?
- VOZ VAG. (MAIS DISTANTE) - Theima!
- ORL. Te enganaste. Foi isso. Quando você subiu, a luz começou a enfraquecer novamente. Uma peça de roupa qualquer deve ter sido esquecida sobre a cama. Na penumbra, te enganaste!
- LEON. (MAL SE CONTENDO) Sempre duvidando do que vejo, do que escuto! Esta vez ali quando entrei no quarto. Sobre a cama. Estendida! Fronte para alguém vestir. Como se estivesse esperando! Como se a dona estivesse aqui!
- ORL. A dona só pode ser você! Quem mais? Quem mais? Vence!
- LEON. Não sei... não sei o que dizer. Mas está lá. Ven comigo. Eu mostro. (VAI PARA A ESCADA, ORLANDO A RETÉM).
- ORL. Agora não. Depois, na hora da dorada, eu sabo com você. (AS LUZES PISCAM) Vê? Foi isso. Nada mais. Um engano. A luz está muito fraca!
- LEON. Vou sorrir.
- ORL. (INTERROMPENDO A PASSAGEM) Não! Depois subimos as
- VOZ VAG. Theima!
- LEON. Agora? Gavia?
- ORL. Não consigo ouvir nada!
- LEON. Está surda! Completamente!



ORL. Ven agora. Senta aqui. (LEONOR SENTA NO SOFÁ) Assim. Você logo vai sentir-se melhor. Descansa. Repousa a cabeça aqui. (DÁ UMA AIKOFADA QUE LEONOR AJEITA SOB A CABEÇA) Isto. Assim. (O CÃO UIVA LONGAMENTE)

LEON. Estou melhor agora. Queria que estivessem comigo. Seria melhor. Gosto muito deles. Me divertem. Sinto-me feliz com ês à minha volta.

ORL. Sim, sim. Aquêles môço moreno... de olhos claros...

LEON. O nome...?

ORL. Que importa?

LEON. Tem razão.

ORL. E todos os outros...

LEON. ...tão belos, tão robustos... tão queimados de sol e...

ORL. ...e que mais?

LEON. ... e tão ingênuos.

ORL. Os peixes! Que boa idéia chamá-los assim. Ninguém vai nunca descobrir nada!

LEON. Jamais!

ORL. Nem Henrique!

LEON. Muito menos êle! Nem meus amigos, ninguém!

ORL. Somos muito espertas. Não, a idéia foi tua. Eu apenas cumpro ordens. Faço o que me pedes. (COMEÇA A PENTÁ-LA)

LEON. Que fazes?

ORL. Não lembra? Pediu que^a penteasse.

LEON. Quando?

ORL. Hoje, de manhã.

LEON. Não me lembro... Verdade. Continúa.

ORL. (PENTEANDO-A) Vai ficar tão diferente...

LEON. E êles vão me reconhecer? Não fico outra?

ORL. Vais ficar o que sempre foste! Êles te conheceram assim e assim de ves te apresentar sempre. Para que possam te reconhecer. Sempre. Mesmo de longe.

LEON. Deixa-me ver. Dá-me um espêlho.

ORL. Não. De maneira nenhuma. Só quando estiver pronto.

LEON. Tens tudo aí? Tudo que precisa?

ORL. Sim. Não te preocupa. Só esperava êsse momento. Estava prevenida. Era só você deixar.

LEON. Possô ver agora?

ORL. Daqui há pouco. Para que tanta pressa? (O CÃO UIVA)

LEON. Escuta! Tenho pena dêsse animal. Deve estar com fome, passando frio. Vamos bussá-lo.

ORL. Amanhã.

LEON. E se êle fôr embora?

ORL. Agora não vai mais. Vai ficar para sempre. Até morrer.

LEON. Pobre animal!

ORL. Reconheceu a dona. Sempre foi nosso mas havia desaparecido da casa.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



desde que ela morreu...

LEON. Que foi que você disse?

ORL. Nada, nada. Esquece.

LEON. Posso ver agora?

ORL. Daqui há pouco. Para que tanta pressa? Está esperando alguém?

LEON. Não sei.

ORL. Você não respondeu.

LEON. E nem vou dar resposta nenhuma! Se quiser saber, terá de descobrir. Por si, sozinho. Não digo uma palavra...

ORL. Por que esse segredo, de repente? Nunca foste assim.

LEON. Ainda não me conhece? (O CÃO UIVA)

ORL. Você tem de me avisar com antecedência. Assim posso preparar alguma coisa. Conoquer receber alguém sem uma boa mesa preparada?

LEON. Meus amigos não se importam. Ainda vai levar muito tempo? Já estou cansada.

ORL. Que impaciência!

LEON. Se você continua assim, nunca mais a deixo pôr a mão no meu cabelo! Só por castigo!

ORL. Não tens coragem para tanto. Sempre te penteei. Não vais me proibir logo agora.

LEON. Não sei. Se fosse você, não teria tanta certeza.

ORL. Você é má! Muito má! Pronto. Termina!

LEON. Deixa-me ver como estou. Um espelho, depressa.

ORL. (PANHANDO UM ESPÉLHO DE MÃO, DE CIMA DE UMA CÔMODA OU MESA) - Toma, olha.

LEON. (EXAMINA-SE EM SILÊNCIO, DE ESPÉLHO EM PUNHO) Quem é...?

ORL. Que te acontece ?

LEON. Orlanda!

ORL. Que há ?

LEON. Quem é essa mulher que me olha no espelho? (COM HORROR) Que fixa seus olhos em mim? Que está sorrindo ?

ORL. Que podia ser? É você mesma!

LEON. Não. Nunca foi assim! (JOGA O ESPÉLHO, QUE SE ESTIHAÇA NO CHÃO).

ORL. Louca! Perdeste o tipo! Enlouqueceste totalmente!

LEON. Era isso então? Era o que você queria? (ORLANDA RECOLHE OS PEDACOS DO ESPÉLHO, TENTA RECOMPOR, FRUSTRADA, A FACE PARTIDA).

ORL. Por que quebraste o espelho? Que mal havia nele ?

LEON. Tudo mal reunido, tudo o que você vinha trazendo... tu e ela. Vocês duas !

ORL. Não pensa que te livras tão fácil!

LEON. Já me libertei!

ORL. Não é quebrando um espelho que consegues fugir! Não fugirás! Não fugirás!

LEON. Já estou longe! Muito longe! Liberdade! Liberdade! Para sempre!

ORL. Foi fácil, não foi!



LEON. Te enganastes!

ORL. Tão fácil como da primeira vez!

LEON. Estou livre!

ORL. É o que pensa!

LEON. Vou-me embora!

ORL. Nunca! (APANHA O MARTELO)

LEON. Larga isso!

ORL. Tens medo!

LEON. Não mais!

ORL. Ficas aqui!

LEON. Outro engano!

ORL. Para sempre!

LEON. Nunca! Larga isso!

ORL. Para quê...

LEON. Porque você não pode, não deve tentar...

ORL. Ninguém ficará sabendo!

LEON. Eu tenho amigos!

ORL. Longe daqui!

LEON. Tens coragem?

ORL. Já fiz isso uma vez. Nós já fizemos!

LEON. Não fiz nada!

ORL. Nós derrubamos Henrique no abismo! Nós, os dois! Ninguém mais viu.

LEON. Vocês o mataram!

ORL. Nós duas! Eu e tu!

LEON. Meus amigos... (ESTÁ MUITO INSEGURA NOVAMENTE)

ORL. Estás sôzicha!

LEON. Sôzicha... sem ninguém...

ORL. Como é! naquela noite! Ele estava completamente tonto! Foi fácil. Todos já dormiam. Só nós duas acordadas! Vigilando! Esperando a hora! A hora em que é preciso seguir Henrique! A noite era muito escura! Não fizemos nenhum ruído! Nunca ninguém suspeitou! Despedaçou-se nas pedras!

LEON. (SUSPIRO EM SENTIDO) Deus, que horror...

ORL. E com a morte dele terminou-se o único impedimento...

LEON. Assassina...!

ORL. O único impedimento para que os pedras atravessassem livremente esta casa!

LEON. Assassina...!

ORL. Somos as duas! Juntas! Se não se matarem, não se vão!

LEON. Não, não! ninguém! Ninguém. (CORRE À PORTA QUE DÁ PARA O CÉLULO)

ORL. Agora é tua vez de falar! Não te esqueças! (LANÇA-SE SOBRE LEONOR. E LA CÁI DE LATERA, DE COSTAS, CONTRA A PAREDE. ORLANDA A SUSPIRO, ELA DESILHA DE FURTELO PARA O CHÃO, FICA LEVADA) - Vamos, fala! Toda a verdade! Confessa que o mataste! Não uma vez só! Mas duas vezes!



- 44 -

Confessa! Anda! Falat! (EMUDECE ANTE O CORPO IMÓVEL. AJÓIHA-SE ANTE ELA, ERGUE-LHE A CÂBEÇA, MURMURA DEPOIS DE UMA PAUSA) - Não pode ser... não te fiz nada desta vez...

UM VULTO DE MULHER ENVÓLTO EM SOMBRAS APARECE POR TRÁS DOS VIDROS DA JANELA E OBSERVA A CENA. ORLANDA PRESSENTE A PRESENÇA E SE VOLTA. FICA ESTÁTICA AO VÊR A SOMBRA. ---- (LUZ EM RESISTÊNCIA SOBRE ORLANDA E LEONOR).

CENA 4. - É NOITE. ORLANDA SÓZINHA EM CENA. O RELÓGIO BATE DEZ HORAS.

ORL. (LEVANTANDO DA CADEIRA ONDE ESTIVERA) Tudo está terminado. Completo. Nada mais resta a fazer. Ela foi-se para sempre. Deixou o lugar vago. (O CÃO QUE UIVAVA NAS CENAS ANTERIORES LATE FURIOSO). Deve ser alguém passando na estrada... (O CÃO CONTINUA A LATIR) Alguém deve estar chegando... (BATEM A PORTA. ELA VAI CAUTELOSA E A ENTREABRE.) - Que querem?

BRUNO (DE FORA) Abra essa porta.

ORL. Não. Nada têm a fazer aqui! (VAI CERRÁ-LA MAS BRUNO COIOCA O PE, IMPEDINDO-A).

BRUNO (SEGUIDO DE MÂRCIA) É assim que recebe visitas?

ORL. É que...

MÂRCIA (POUCO À VONTADE) Esse cachorro, prêso na corrente... Não sabemos de nada é...

ORL. Quase foram atacados?

BRUNO Não sabemos de sua existência. Não o tinha visto por aqui. É furioso.

ORL. Andava perdido. Agora voltou.

BRUNO Devem ter mais cuidado. A corrente é muito comprida.

ORL. Não há perigo. É só para dar alarme. A gente sózinha é perigoso. Aqui está-se longe de tudo...

BRUNO Um dia êle salta em alguém. Quase nos alcançou.

MÂRC. FAZENDO MENÇÃO DE SUBIR AO 1º ANDAR) - Leonor está lá em cima?

ORL. (INTERCEPTA-LHE A PASSAGEM) Não precisa subir.

BRUNO) Viemos buscá-la...

ORL. Ela não está.

MÂRCIA Você está falando sério? (PARA BRUNO) Ela não pode ter saído... sem o carro. Impossível.

ORL. Já partiu. Eu estou sózinha.

BRUNO Não pode ser. Nós a deixamos há três semanas. Fiquel. de voltar. Não pode. Marcia também não. Estêve doente.

ORL. Ela partiu logo depois da saída de vocês. No dia seguinte.

MÂRC. Não pode ser verdade!

ORL. Já lhe disse o que houve. Ela partiu no dia seguinte. Quando voltei, não estava mais no quarto. Levou tudo o que era seu. Deixou-me um bilhete dizendo que resolvera ir.

BRUNO Mostra o bilhete!

ORL. Perdê! Não pensei que precisasse mostrar para alguém. Agora façam o favor de ir-se. Estou muito cansada. Tenho de fechar

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



a casa e voltar para a vila.

BRUNO Queremos saber a verdade. Não saímos sem saber tudo.

MARCIA A verdade, Orianda!

BRUNO Fala uma vez! Não perde tempo!

MARCIA Onde está Leonor?

ORI. Já disse que se foi!

MARCIA (PARA BRUNO) É mentira! Ela está escondendo a verdade!

ORI. Não esconde nada! Não tenho razão para isso!

MARCIA Você a matou! (COMEÇA A SOIJAR E APROXIMA-SE DE BRUNO) Ela matou Leonor! Ela só, só, só... Leonor me disse que...

ORI. (MUITO INSEGURA, CORTA MARCIA) Está fora de si...

BRUNO Se você não fala a verdade... nós a arrastamos para fora daqui... mas dois... será pior!

ORI. Está bem. Já que querem saber... É que eu não queria... Leonor... ela não estava nada bem. Como virem. Andava nervosa. Imaginando coisas. Ela tinha o mesmo gênio de Henrique... Era teimosa. Gostava de caminhar por aquelas pedras altas... Onde Henrique se matou... Bruno queria que ela se sentasse. Discutimos. Havia muita neblina. Disse a ela que era perigoso. Assim mesmo, ela foi. (PAUSA) No outro dia, pela manhã, eu não tinha sossego, só a procurei. Encontrei seu corpo lá embaixo, sobre as pedras pontudas. No mesmo lugar onde o pai dela caiu...

MARCIA Não! (SOIJA FORTE) Leonor, coitada... Você a matou!

BRUNO (REPELE MARCIA VIOLENTAMENTE) Covarde, você a matou! (LANÇA-SE SOBRE ORLANDA QUE GRITA EM PÂNICO).

LEON. (DO QUARTO) Orianda! Que está havendo aí? (BRUNO RECUA E FICO COMO QUE PETRIFICADO À ESCUTA)

BRUNO Será verdade?

MARCIA (IENDO PARA AS ESCADAS) Leonor! Leonor!

LEON. (COM A MESMA ROUPA COM QUE SEMPRE ESTÁ RETRATADA NO QUADRO, SORRI FELIZ, A ANGSTIA DESAPARECEU-LHE DO ROSTO. É OUTRA) - Que surpresa agradável! Vocês aqui! Meus amigos! Bruno, Marcia... Que bom revê-los! - Orianda, por favor, prepara um chá! Vocês devem estar com fome... (ORLANDA NÃO SAI DE CIMA, APENAS PROVA PARA UM CANTO MAIS OSCURO DE ONDE OBSERVA TUDO MUITO TEMPO) Como você está linda, Marcia. E você Bruno? Tem trabalhado muito... o casamento transparece no rosto. (PASSA-LHE A MÃO PELO ROSTO. ELE TREME, ELA A RETIRA, SORRINDO, DISCRETAMENTE, SENTE-SE INCOMODADA)

BRUNO Vamos buscá-la...

LEON. Como? ...

MARCIA Você já está recuperada, não? Está em tempo de voltar.

LEON. Claro, claro. Querem uma bebida? (DIZEM QUE NÃO, COM UM GESTO) Agora estou bem. Estive doente. Muito. Mas vocês vieram. Acompanharam tudo de tão perto. Como agradecer o que fizeram por mim?

BRUNO Vamos buscá-la.

LEON. É uma pena. Houve um desentendimento. Ela já foi.

MARCIA Que dia...?

LEON. Fazem mais de quinze dias... Deixou-se só com Orianda. (MARCIA ES CONDE O ROSTO E COMEÇA A SOIJAR, APOIA-SE EM BRUNO).



BRUNO Que se passa ?

LEON. Já disse: Ela foi-se embora. Para encontrar com vocês... Mas sen-
ten... os amigos de minha filha são meus também. Embora ela seja
ciumenta. Mas eu não dou importância.

MARCIA (FOGE PARA A PORTA. SOLIÇA FORTE) Não.. Não pode ser..

BRUNO (SEGUNDO MARCIA) Marcia! (O CÃO LATE FURIOSO)

ORL. Foram-se. Vão atrás de Leonor.

LEON. (SUBINDO AS ESCADAS) Desço em seguida, Orianda.

ORL. Sim, sim...

LEON. (PARANDO, VOICIA-SE) Pode ser hoje, Orianda. Vai, mas não leva mu-
ito tempo. Queres dinheiro ?

ORL. Não. Nunca foi preciso...

LEON. Busca-os, então. Quero que sejam belos, morenos, de pele queima-
da pelo sol e pelo vento, de olhos claros... como sempre. Já sabes.
(ORLANDA ASSENTE COM A CABEÇA E SAI PELA PORTA QUE LEVA AO JARDIM)
(CONTINUA A SUBIR LENTAMENTE OS DEGRAUS) Belos e fortes, de olhos
claros, verdes... e de pele bronzeada... belos, fortes e ingenuos..
(DESAPARECE REPETINDO AS ÚLTIMAS PALAVRAS).

O PANO CAI SOBRE A SALA VAZIA, ENQUANTO AS LUZES MORREM E O RETRATO DE
THEIMA SE ILUMINA.

Fim

" A CASA PROS TRÁS DAS DUNAS "

(IB.
PS.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

